

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

CÉLIA REGINA NUNES

O ciúme na MPB: uma análise retórica

São Paulo
2007

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

CÉLIA REGINA NUNES

O ciúme na MPB: uma análise retórica

Dissertação apresentada à Banca examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Língua Portuguesa, sob orientação do Professor Doutor Luiz Antonio Ferreira.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
São Paulo
2007

Banca Examinadora

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar a oportunidade de convivência entre os professores, meio no qual fui inserida, pois só com a presença e com o estímulo dos amigos pude conhecer e entrar em contato com a academia.

Agradecimento especial ao Prof. Dr. Luiz Antonio Ferreira, que me aceitou como orientanda quase no final do caminho. E aos professores que encontrei durante o curso e que fizeram parte das minhas escolhas.

Depois agradeço aos amigos que, direta ou indiretamente, participaram deste processo, em especial ao amigo Márcio que me deu muita força e disciplina ao longo destes anos. E ainda aos amigos Andréia, Quequeto, Renato e Felipe que me atenderam sempre que solicitei.

Para encerrar, agradeço à Banca que tão prontamente leu meu trabalho com presteza e responsabilidade; assim puderam fazer muitas observações durante a qualificação e que apontaram um novo rumo, muito mais interessante e concreto para a realização do trabalho.

Ofereço aos meus pais Francisco e Maria e aos amigos:

Tati, Lori, Gui e Huendel.

RESUMO

Essa dissertação trata da importância da leitura e aborda uma das suas nuances como colaboradora na formação do indivíduo leitor. Optamos por trabalhar com a leitura sócio-interativa e a MPB como uma das possibilidades de texto facilitador para desenvolver o processo de leitura: trazemos para a discussão o uso da canção como texto significativo e apropriado para desenvolver a leitura.

Utilizamos como referencial teórico as paixões de Aristóteles e um breve conceito da antiga retórica, bem como e traçamos um paralelo com a nova retórica de Perelman e Tyteca. Destacamos o papel do uso do argumento e da metáfora na nova retórica e localizamos, por meio da representação do ciúme, esta presença nas canções de MPB da década de 70.

Por fim, analisamos duas canções e apontamos a presença do ciúme por meio das paixões. Seguimos os fundamentos da retórica para identificar o discurso persuasivo na MPB. Concluimos que o argumento é capaz de persuadir os mais diversos auditórios. Para que o pathos seja atingido, é só investir na constituição do ethos.

Palavras- chave: retórica, MPB, ciúme.

Abstract

This work shows us the importance of reading and its possibilities. We worked with sociointeract reading and one of the possibilities of facilitator text to develop the reading process in school. We brought to discussion the use of MPB like important text and appropriated to develop reader learners.

We used as theoretical referential Aristotle's passion and a brief concept of old rhetoric to analyze with the new Perelman and Tyteca's rhetoric. We detached the use of argument and metaphor in the new rhetoric and found, by means of jealousy's representation, this presence in MPB songs of 70's.

Finally, we analyzed two MPB songs and pointed the jealousy's presence by means of passion. We followed the rhetoric's bases to identify persuasive speech in MPB and we believe that the argument be able to persuade a lot of types of audience and for phatos be reached it's just invest in the ethos' constitution.

Key-words: rhetoric, MPB, jealousy .

SUMÁRIO

Resumo	06
Abstract	07
INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1. O conceito de “leitura” e suas nuances	13
1.1. A leitura	13
1.2. Estratégias de leitura	14
1.3. A leitura na perspectiva sócio-interacional	17
CAPÍTULO 2. A Musica Popular Brasileira	19
2.1. A importância da MPB na expressão social	19
2.2. A leitura e a MPB	21
2.3. A MPB contém ciúme	22
2.4. As paixões: reguladores das relações humanas	25
2.5. Conceito de ciúme	38
2.6. O ciúme como manifestação da paixão	41
2.7. O ciúme nas diversas áreas de conhecimento	42
2.8. O ciúme na Psicologia	42
2.9. O ciúme na Literatura	43
2.10. Síntese da concepção de ciúme	44
CAPÍTULO 3. Retórica	46
3.1. A Retórica e seu espaço de atuação	46
3.2. Leitura e as estratégias retóricas	48
3.3. A variação retórica	48
3.4. O ciúme na Retórica	49
3.5. Persuadir e convencer	51
3.6. Argumento e metáfora	54

CAPÍTULO 4. Análise retórica das canções	62
4.1. As paixões presentes na MPB	62
4.2. As categorias	63
4.3. Canção 1	65
4.4. Canção 2	68
CONCLUSÃO	73
BIBLIOGRAFIA	75

INTRODUÇÃO

“Depois de te perder te (re)encontro, com certeza...”

O amor é sem dúvida um signo, mas algo nele se torna inapreensível devido a um desacordo inerente a seu objeto primevo. Sendo operante em seus labirínticos movimentos e vicissitudes; (Rossi:2006,109)

O presente trabalho tem como objetivo analisar como se dá, em língua, a constituição discursiva sobre o ciúme na Música Popular Brasileira (MPB) gravada na década de 70. A base teórica que sustentará a análise encontra-se na Retórica, sobretudo a Clássica, apreendida por Aristóteles em seus estudos sobre as paixões.

Será a partir dos estudos do filósofo grego que refletiremos sobre as paixões humanas e seus reflexos no *ethos* do orador e no *pathos* provocado no auditório, e interessa-nos sobretudo o ciúme que, embora não esteja relacionado entre as catorze paixões aristotélicas, decorre de outras e tem fundamental importância na formação do discurso amoroso.

O tema foi escolhido a partir de um seminário realizado na disciplina de Análise Retórica, ministrada pelo Professor doutor Luiz Antonio Ferreira, na PUC-SP, em 2005. Durante o seminário pudemos perceber que o ciúme é recorrente na canção popular, e ainda constatamos empiricamente que o *ethos* do ciumento nas canções analisadas na época (70), é sempre o de um ser explosivo, escandaloso, egoísta, que por outro lado sofre, dissimula a dor, e encontra estratégias retóricas para reivindicar o que julga possuir por direito: o amor do ser amado. As canções funcionam como atos retóricos muito contundentes para provocar o *pathos* e provável repercussão do agir do interlocutor diante das exigências e atitudes do ciumento.

No primeiro capítulo fizemos uma apresentação dos conceitos e da relação que existe entre leitura, MPB e paixão. Explicitamos o conceito de leitura e da leitura como processo interativo, e salientamos, baseados nas autoras Eni Orlandi e Isabel Solé, a importância do leitor sujeito.

Depois apresentamos os princípios da Retórica e das situações nas quais ela aparece. Percorremos um caminho de reconstituição histórica e abordamos o seu papel prático nas relações cotidianas. Enfatizamos os recursos metafóricos como expressão retórica e procuramos mostrar como essa figura, para muito além do emprego estilístico, pode ser usada como eficiente recurso persuasivo.

Discorremos, ainda no primeiro capítulo sobre as estratégias de leitura e a MPB e inserimos o relato de uma experiência realizada numa escola pública do estado paulista. Foi a partir de uma conceituação de leitura e de uma possível sugestão de trabalho para o desenvolvimento do processo que utilizamos a MPB como texto processo. Optamos pela leitura sócio- interacional como matriz do nosso texto, já que acreditamos no aluno sujeito do processo de aprendizagem e não como mero receptor de conteúdo.

A MPB foi ressaltada como uma das faces da inserção social e também de representação social. Ela traduz muito dos sentimentos e paixões humanas. Por isso ela retrata tão significativamente o ser humano. A partir dessa justificativa temos as raízes de sua infiltração e propagação social.

No segundo capítulo, faremos a apresentação das catorze paixões classificadas por Aristóteles e ainda, a partir de algumas perspectivas teóricas advindas de alguns campos do conhecimento, o movimento passional do ciúme que Aristóteles classifica.

As paixões aristotélicas, que serviram como base fundamental teórica para esse trabalho, são o motivo do desabrochar do ciúme: é a partir dessas paixões que o ciúme se dá. As paixões são um movimento constante do ser humano e é para atender aos seus reflexos que as ações são desencadeadas.

O ciúme, apresentado como interface da paixão, causa no indivíduo atitudes insanas e tempestuosas e, é a partir desse desacordo que o ethos se compõe e envolve o pathos a agir de determinada forma. O argumento se estabelece pautado nesse sentimento e condiciona o objeto de ciúme a ficar a mercê de seus caprichos, baseados sempre no ciúme.

O ciúme é conceituado e apresentado na Literatura e na Psicologia, além de ser demonstrado na MPB. Fizemos essa abordagem para elucidar o alcance do ciúme na sociedade e basear a partir desse alcance a sua presença na expressão canção popular.

A MPB entra como uma representação do ciúme e do ethos do ciumento, o pathos deve responder e atender às imposições do ethos a fim de evitar transtornos, escândalos e até a ameaças de morte.

No terceiro capítulo recuperamos o conceito de Retórica e seu histórico desde a antiga Retórica de Aristóteles até a nova Retórica de Perelman. Ela serve de sustentação argumentativa para o nosso texto, já que é por meio de sua utilização que o eu- lírico apóia seu discurso persuasivo e argumenta sobre o outro. O conceito de retórica aparece como algo além do que a arte do bem falar: encontramos nela todo o emaranhamento do discurso proferido e é com o manuseio de suas habilidades que o orador atinge seu público alvo, escolhido, no nosso caso o objeto de ciúme apontado dentro do texto da canção de MPB.

A canção, grosso modo, fica rica em ornamentos e recursos estilísticos, além das metáforas que não são economizadas durante a fala do orador. Como resultado temos as canções de cunho romântico, que apresentam uma facilidade de adesão do público que a recebe.

No quarto e último capítulo, faremos a análise das canções escolhidas: duas canções da MPB, que vieram a público na década de 70. É a partir do seu conteúdo que apontaremos as diversas situações de discurso e atitudes que o ciumento apresenta em língua e como usa o argumento para justificar sua perda de equilíbrio e a produção de cenas escandalosas. Pelo discurso, o ciumento constrói seu esthos, aqui visto como um movimento discursivo de projeção da imagem do orador no discurso.

Localizamos nas canções a presença da situação retórica em múltiplos detalhes, encontramos a presença das paixões aristotélicas nas suas diversas representações e não menosprezamos, para complementação da análise, as paixões greimassianas. Buscamos ainda, atrelar essa localização às representações que o leitor faz de mundo e as inferências que relaciona a partir de seu conhecimento prévio.

Buscamos, no texto, as revelações lingüísticas a face, o papel institucional, o caráter demonstrado em língua, os argumentos e as tentativas de persuasão, com o objetivo de desvendar os mistérios que envolvem o ser humano e a sua face passional dotada de complexidade e obscuridade.

CAPÍTULO 1

O CONCEITO DE “LEITURA” E SUAS NUANCES

1.1. A leitura

Neste capítulo, apresentamos um conceito de “leitura”, abordamos algumas estratégias de como realizá-la e efetuamos uma explanação do seu uso em sala de aula, considerando-se o modo como o ato de ler deve se dar para que o seu processo seja uma interação entre leitor, texto e mundo: “A leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto; neste processo tenta-se satisfazer (obter uma informação pertinente para) os objetivos que guiam sua leitura.” (Solé, 1987)

O leitor, quando se apropria de um texto a fim de explorá-lo, possui, ou deveria possuir, um interesse em desmistificá-lo, ou seja, deve ter por objetivo buscar as estratégias que permitissem o entendimento e a compreensão de uma das possibilidades da mensagem transcrita. Muitas vezes, o leitor não escolheu o texto a ser lido, não foi ele quem decidiu buscar informação ou conhecimento novo em determinado texto. Na escola é necessário que o professor motive o aluno-leitor a realizar o processo de leitura. Como? Um meio de fazer isso é despertando a curiosidade do leitor para o texto, chamando-lhe a atenção, iniciando uma discussão em torno do conteúdo do texto ou mesmo instigando-o sobre o tema.

Para Orlandi:

A leitura é um processo de busca com o qual o leitor amalha dos conhecimentos que lhe são importantes e significativos o necessário para chegar à compreensão do texto. Este, por seu turno não responde por si só às premissas necessárias para a compreensão, ou seja, o texto pode ser visto como “pretexto”, com a finalidade de se instaurarem novas frentes para a construção de nossa visão de mundo, em amplo sentido. (Orlandi, 1988)

Se a busca da qual Orlandi nos fala não é natural em relação à leitura de um texto escrito, que ela seja despertada por meio de estratégias de leitura; ainda assim é imprescindível que o leitor busque algo no texto para que consiga penetrar no contexto do texto. E só a partir dessa busca de sentido o leitor terá envolvimento com o texto e interagirá com o seu propósito.

1.2. Estratégias de leitura

A leitura é resultado e conta com a interpretação que o indivíduo faz do mundo. É por meio dela que o aluno desenha a sua concepção de vida. Portanto, depende da relação de proximidade que o indivíduo tem com a leitura, o grau do seu desenvolvimento como leitor participante do meio social na qual está ou deveria estar inserido.

A partir daqui, passamos a apresentar o conceito de “leitura interativa” e elucidaremos as estratégias de leitura, que julgamos necessárias para a melhor compreensão de nosso leitor. Numa breve conceitualização, temos o modelo de leitura interativa que pode ser agrupado em dois modelos hierárquicos: ascendente (*bottom up*) ou descendente (*top down*).¹

No primeiro modelo de leitura, o leitor processa os componentes do texto por meio das letras, palavras e frases, em um processo ascendente, seqüencial e hierárquico, que o leva a compreensão do texto. O indivíduo compreende porque *decodifica*. Esse modelo de leitura é o centrado no texto.

No segundo modelo, o leitor aciona o seu conhecimento prévio e seus recursos cognitivos para fazer antecipações sobre o conteúdo do texto. Nesse caso, o processo também é hierárquico, embora seja descendente. O leitor parte da hipótese e antecipação prévias. O texto é processado para sua verificação.

Dentro do modelo descendente o leitor reconhece no texto, parte do seu conhecimento de mundo e aciona uma série de conceitos armazenados na memória aos conceitos existentes no texto.²

É sob essa perspectiva que as estratégias de leitura estruturam o processo de desenvolvimento do leitor. Recorremos a Solé (1998), Valls (1990) e Koch (2002) e apresentamos a seguir uma síntese dos conceitos dessas estratégias. Estratégia é a capacidade de ordenar o pensamento para facilitar a execução da ação.

Para Valls (1990) “a estratégia tem em comum com todos os demais procedimentos sua utilidade para regular a atividade das pessoas, a medida que sua aplicação permite selecionar, avaliar, persistir ou abandonar determinadas ações para conseguir a meta que nos propomos”. (apud Solé, 1998)

¹ Cf. SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. 1998.

² Para uma consulta mais abrangente o leitor de vê consultar o livro: *Desvelando os segredos do texto*, Koch, 2002, traz o conceito de memória pertinentemente definido por.

São essas suspeitas inteligentes e arriscadas sobre o caminho mais adequado que devem ser seguidas para uma melhor interação leitor/texto. Lembramos que o procedimento de tais estratégias deve ser maleável e adaptável a cada situação, porque a sua utilização com rigidez seria um impedimento para a realização de um processo de leitura interativo. Não podemos perder de vista a pergunta acompanhada de sua resposta: “Para que ensinar estratégias? Para ler”. Esse objetivo não pode ser deixado para segundo plano.

A seguir as estratégias:

1. Procedimentos: são os conteúdos de ensino;
2. Conhecimento prévio: são os conhecimentos necessários que vão permitir a atribuição de significado ao conteúdo do texto;
3. Objetivos da leitura: é a explanação do *Por que* e *Para que* ler determinado texto;
4. Formulação de previsão sobre o texto: instigação sobre o tema e a idéia principal do texto;
5. Hipóteses: quais as possíveis hipóteses para o texto.

A leitura se estabelece na possibilidade de interação entre leitor e texto. Portanto, só se realiza quando o leitor consegue instituir relação com os seus conhecimentos lingüísticos, enciclopédicos e interacionais. Ou, quando relaciona o conteúdo do texto com seus “arquivos” da memória. Chamamos de “arquivos” os conteúdos que o leitor já absorveu e que se relacionam com o tema do novo texto.

O texto apresenta-se sempre inacabado, à espera do leitor que, ao tomar contato com o conteúdo, realiza a tarefa de preencher as suas lacunas. A compreensão suscita, por parte do leitor, a construção de um novo texto, que não se limita apenas à reprodução da escrita.

Um dos múltiplos desafios a ser enfrentado pela escola é o de fazer com que os alunos aprendam a ler corretamente. Isto é lógico, pois a aquisição da leitura é imprescindível para agir com autonomia nas sociedades letradas, ela provoca uma desvantagem profunda nas pessoas que não conseguem realizar essa aprendizagem. (Solé 1998: 32)

A democratização da escola realizada a partir da década de 1960 nos faz crer que a alfabetização hoje está muito próxima de alcançar quase a totalidade da população, porém infelizmente não é o que dizem os dados do MEC³ de 2003. Um exemplo de descompasso na

³ Ministério de Educação e Cultura: órgão do Governo que cuida da educação, estabelecendo inclusive suas normas.

formação do leitor é a apreciação dos dados da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo referentes ao SARESP⁴ de 2005, que apresentam a dificuldade de leitura e conseqüentemente o mau desempenho dos alunos do Ensino Médio na prova de Língua Portuguesa. Como a leitura tem sido tratada em sala de aula? Essa postura carece de estudo e aprofundamento junto aos professores da Rede Estadual.

Segundo alguns apontamentos, o problema da escola estaria no método de ensino da leitura, pois esse tema é discutido com freqüência na rede paulista durante os cursos de capacitação⁵ oferecidos pelas diretorias de ensino.

Mas, para Solé (1998), o “problema não está no método, mas sim na própria conceitualização do que é a leitura, a forma que é avaliada pelas equipes de professores, do papel que ocupa no Projeto Curricular da Escola (...)”.

Para que essa concepção de que o problema está no método e não na própria concepção do que é leitura, do *ler o que e para que*, mude é necessário que a totalidade dos educadores entenda com veemência a leitura como o caminho para o conhecimento e a utilize como um processo contínuo de descoberta, aprendizagem e prazer.

Algumas vezes o professor, na intenção de desenvolver, aprimorar e ampliar o mundo do leitor, utiliza-o como castigo ou imposição. Citamos por exemplo, a imposição do uso da biblioteca, a leitura de um clássico ou a produção do relatório de um livro. O aluno acaba traumatizado, afastando-se do ato de ler. Esses recursos não podem ser utilizados como castigo ou “tapa-buracos”, pois usados sem objetivo, ou ainda, com outro objetivo que não seja o de mergulhar no *fantástico* mundo das histórias, atrapalham e emperram a leitura.

A fim de ilustrar esse processo errôneo, recorreremos aos registros da Oficina Pedagógica da região de Caieiras-SP e constatamos que há um grande índice de alunos com notas de avaliações, relacionadas à leitura e à produção textual, que foram consideradas abaixo da média nacional

Para fazer uma contraposição e desmistificar o “monstro” no qual se transformou a leitura, realizamos uma experiência com os alunos do 3º C noturno, da Escola do Centro/CEFAM⁶, no ano de 2003.

Tivemos o seguinte procedimento: apresentamos letras de canções que tocam em algumas rádios, como a rádio Nova MPB, aos alunos, e perguntamos quem da sala reconhecia

⁴ Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo.

⁵ Termo utilizado, a partir da década de 1990, pelo Governo Covas, para nomear os cursos oferecidos pela Secretaria.

aquela canção. Em média, setenta por cento da sala já conhecia ou pelo menos reconhecia a canção. Muitos alunos acompanharam a música cantando. A música era “A Maçã”, de Raul Seixas, escrita e lançada em 1972. Fizemos uma contextualização histórica e discutimos o recado que a canção trouxe. O fato dos alunos saberem a história do compositor Raul Seixas facilitou e a partir daí começaram a sugerir outras letras de canções para serem analisadas. Um deles tocava violão e ofereceu-se para tocar na aula seguinte. Chegamos a montar um sarau e trabalhamos, a leitura, a partir de outras canções de Raul Seixas, bem como de outros

CAPÍTULO 2

A MÚSICA POPULAR BRASILEIRA

2.1. A importância da MPB na expressão social

Tudo o que se faça sobre MPB é oportuno e importante. Uma notícia de jornal, um programa de rádio, um show na TV, um evento qualquer, um festival, um encontro de pesquisadores – tudo. Porque a música nos leva ao encontro de nós mesmos para descobrir nossa identidade, a conhecer nossa própria história, a história da nossa cidade, do nosso estado, do nosso país. (Fernando Faro apud Wisnik: 2002:5)

O homem é constituído por muitas nuances, sendo a arte a que mais se aproxima da sua tradução de sentimentos. E é por meio da música que consegue se representar muito bem e atinge assim a sua mais secreta e sensível essência.

A história da música popular no Brasil ocupa um espaço muito maior do que o simples papel de lazer e diversão. Ela traz consigo o retrato de um momento histórico, as representações sociais e políticas de um tempo vivido. As canções são também a representação cultural do momento pelo qual o povo passa. É por ela que as sensações mais intrínsecas desse ser humano vêm a tona.

Música é a expressão dos sentimentos. Ampliando semanticamente o termo "sentimentos", vamos considerar: retaliação, censura, saudade, subversão, golpe, honestidade, amor, ciúme, paixão, criatividade, protesto. Todos esse substantivos se consubstanciam historicamente no trilhar enunciativo da MPB.

A canção popular do Brasil é uma mistura de arte, poesia, música e história. Conceituamos a Música Popular Brasileira como uma complexa manifestação da cultura popular. A partir dela, a diversidade cultural do Brasil é representada, interpretada, cantada e difundida em todas as camadas sociais. Ela canta também os movimentos sociais e políticos atravessados pelo país, daí o motivo de censura na época da ditadura militar.

Revolvendo a História, após a primeira grande guerra, a MPB foi anunciada pelo movimento da Semana de Arte Moderna, em 1922. É a partir desse momento que ganhamos mais um meio de representar as emoções e os sentimentos do povo brasileiro. A canção percorre caminhos e ocupa um importante veículo de expressão do nosso povo. Atinge e toca

sentimentalmente, desde os intelectuais eruditos até o que temos como a ala mais popular do Brasil, a grande massa que tem no rádio um companheiro diário.

No período da ditadura militar, a partir da década de 50, a MPB transformou-se na voz dos oprimidos. Era também por meio dela que os gritos por justiça se faziam ouvir. Porém, a liberdade de expressão foi cerceada pelas autoridades políticas e militares do país, e se transformou num grande conflito. Muitos cantores e compositores de MPB, como Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil etc, foram presos ou mandados para o exílio; e também muitas canções (letras de música), como “Roda Viva” e “O bêbado e o equilibrista” foram censuradas. Tivemos discos recolhidos depois de já se encontrarem à venda. O compositor e cantor Chico Buarque foi impedido de gravar e teve que usar um pseudônimo para driblar a censura e não ser identificado.

A música, por vezes utilizada como instrumento de crítica ao governo, também sofre represálias, mas continua a expressar a voz dos que foram injustiçados e exilados, enfim, a voz da oposição ao movimento militar.

Para Vilarino:

Não é possível detectar aspectos de determinadas épocas no nível do seu sentir, senão pela arte e mais precisamente pela música. Não há vestígio histórico mais envolvente do que a música de determinado período. (apud Wisnik: A MPB em movimento, 2002: 9)

A citação do autor, nos remete ao alcance e importância da canção como expressão de arte e representação dos sentimentos.

Um outro movimento musical, paralelo à MPB, formado por música “romântica”, aquela que, independentemente da situação do país, continuava a cantar o amor, é o da *A Jovem Guarda*. Esse movimento era formado por um grupo de artistas cabeludos e meninas de mini-saia, que insistiam em cantar o amor, enquanto seus colegas de profissão, ou não, passavam por verdadeiras torturas militares. Em virtude disso afirmamos ainda que *A Jovem Guarda* como grupo foi visto como um movimento de alienação e diversão, que se contrapunha à intelectualidade e militância da música dita engajada.

2.2. A leitura e a MPB

No cotidiano escolar, o material utilizado em maior escala¹ como base para a aplicação de conteúdos são os livros didáticos. Há uma cultura dentro da rede pública da Grande São Paulo de que o livro didático é quem permeia os conteúdos a serem desenvolvidos dentro da sala de aula. No entanto, não é o que afirmam as autoras Kaufman e Rodriguez:

Os leitores não se formam com leituras escolares de materiais escritos elaborados expressamente para a escola com a finalidade de cumprir as exigências de um programa. Os leitores se formam com a leitura de diferentes obras que contém uma diversidade de textos que servem, como ocorre nos contextos extra-escolares, para uma multiplicidade de propósitos. (Kaufman e Rodriguez, 1999)

A escola comete um equívoco, e certamente essa é a ponta do *iceberg*, ao considerar o conteúdo escolar, e mais especificamente considerar como “texto escolar” apenas aquele que está contido no livro didático. Afinal, a escola não é uma ilha e, por isso o aprendizado nela aplicado só faz sentido se fizer também parte do todo, ou seja, da vida real do aluno. É exatamente nesse aspecto, “escola ilha”, que o aluno se apresenta desinteressado do processo de ensino e desenvolvimento da leitura.

A utilização de estratégias que visam despertar o interesse do aluno, aproximando-o do conteúdo, é o recurso fundamental que garante o sucesso da aprendizagem. Por isso, a canção, que representa um pouco a definição do que é ser brasileiro, criativo, alegre, solidário, romântico e espirituoso, é um caminho muito próximo. É uma linguagem que apresenta certa aproximação com o leitor, pois a canção é um texto que também traduz o sentimento do aluno. Daí sua importância como veículo de aprendizagem.

Segundo Solé:

Na explicação construtivista, adota-se e reinterpreta-se o conceito de aprendizagem significativa criado por Ausubel (1963). Aprender algo equivale a formar uma representação, um modelo próprio, daquilo que se apresenta como objeto de aprendizagem; também implica poder atribuir significado ao conteúdo em questão, em um processo que leva a uma construção pessoal de algo que existe objetivamente. Esse processo remete à

possibilidade de relacionar de uma forma não arbitrária e substantiva o que já se sabe e o que se pretende aprender. (1998)

A autora nos diz que o aprendizado deve ser significativo; é o mesmo que dizer que o aluno só se identifica com o que é parte do seu mundo real. É o que disse Paulo Freire (1986): “o aprendizado só será aprendido, se tiver significado”.

A canção de MPB não só é carregada de sentimento, como também representa parte significativa dos sonhos que permeiam as mentes dos adolescentes, e por acarretamento, dos alunos. Afinal, como citamos anteriormente, foi com a utilização da canção de MPB que a turma da E.E. do Centro despertou para o mundo da leitura e para a descoberta de outros textos e temas.

Chegamos a encontrar na coleção de livros de Literatura e Língua² para o Ensino Médio a canção como texto; embora essa mostra tenha sido muito pequena, é pertinente salientar que o livro didático está distante de atender a utilização da canção como texto. O que pode ser um incentivo para a utilização de outros textos, expandindo o universo do livro didático. Por outro lado, seria um erro da nossa parte se desconsiderássemos totalmente o uso do livro didático como um dos instrumentos que podem enriquecer o processo de leitura.

Segundo as autoras Kaufman e Rodriguez, “o maior problema não está na utilização ou não do livro didático, mas sim na escolha dos textos a serem utilizados e no modo como esse textos serão utilizados em sala de aula. Depende do que foi escolhido e de como será o desenvolvimento do trabalho o sucesso do processo de ensino-aprendizagem da leitura”. (cf. 1995)

Assim cremos, é imprescindível incluir na escola o uso de outros materiais para o desenvolvimento do processo de ensino da leitura. Constatou-se que o uso da canção é um motivador de leitura, pois retrata a expressão popular, além de motivar o leitor.

2.3. A MPB contém ciúme

Como mencionamos, a leitura na escola, junto com a MPB, pode trazer importantes contribuições para o aprendizado dos alunos. Muitos aspectos podem ser desenvolvidos na leitura desse gênero de texto, porém, devido ao nosso tempo de pesquisa, abordaremos apenas

¹ Segundo apontamentos obtidos por meio de relatórios da Oficina Pedagógica da região de Caieiras-SP.

² Coleção: Língua e Literatura, Ensino Médio, Faraco e Moura, 1998.

o aspecto da Paixão, por meio de uma de suas manifestações mais fortes: o ciúme. Para tanto, nos atemos a uma leitura como processo sócio-estratégico aliado aos aspectos retóricos. Voltaremos a tais aspectos posteriormente. Por hora, estudaremos o que é “paixão” e a relação entre paixão e MPB.

A nossa cultura exprime a paixão de muitas formas e uma delas é a Música Popular Brasileira (MPB). Ela também é uma representante do ciúme³. Por vezes, a música toma o ciúme como um tema direto, mas por outras, canta o ciúme de forma camuflada e natural. “Parece ser na música que procuramos o significado geral e profundo que possa haver na relação da essência do universo com a nossa própria essência.” (Artur Schopenhauer apud Tinhorão, 1981)

A citação acima é um exemplo da ligação que o ser humano tem com a canção. É a busca da representação do sentimento por meio da música. O ciúme e a MPB, juntos, são a manifestação popular carregada de criatividade, emoção e paixão, é a representação do popular na arte. É o sentimento do ser enciumado, que produz caminhos e possibilidades estratégicas de criação para desvendar e traduzir seu sentimento. Há uma necessidade de instigar o outro para que ele cumpra o pedido do ciumento, a fim de que se sinta novamente uma pessoa confortável e inteira, porque para o apaixonado-enciumado é como se faltasse a sua outra metade. Vejamos na canção *Pedaço de mim*, de Chico Buarque (1978):

*Ó pedaço de mim,
Ó metade arrancada de mim,
Leva o meu amor*

É pelo uso do discurso retórico na MPB que o artista convence e comove o outro a acreditar no seu discurso. Dentro desse quadro de ciúme e de imposição sobre a ação do outro, a música tornou-se um canal muito utilizado para a representação das paixões e especificamente do ciúme, esse sentimento tão comum, porém tão pouco estudado, entendido e reconhecido, ou ainda, tão pouco normal. Essa é a paixão que analisamos.

Percebemos sua presença, pois um olhar superficial já nos permite verificar que ele aparece disfarçado, camuflado, atrás de pedidos de desculpas ou até mesmo de ameaças. Outras vezes, surge explicitamente citado e aclamado. Esse sentimento cria uma situação de permissividade ao indivíduo. Como se tomado por esse sentimento, tivesse licença para agir e

³ O conceito de ciúme e suas nuances serão apresentados posteriormente.

reagir das formas inesperadas e inusitadas. O ciúme pode ser visto como uma enfermidade que permite ao louco tomar a atitude que quiser, sem necessariamente ter de pagar pelas conseqüências mais tarde.

Na canção seguinte, “A maçã” (1972), de Raul Seixas, ilustramos a presença do ciúme:

*Quando eu te escolhi para morar junto de mim
Eu quis ser tua alma ser teu corpo, tudo enfim
Mas compreendi que além de dois existem mais
O amor só dura em liberdade
O ciúme é só vaidade
Sofro mas, eu vou te libertar
O que é que eu quero se eu te privo
Do que eu mais venero
Que é a beleza de deitar.*

Nessa canção, foi efetuada uma escolha, e havia no início uma intenção de “ser o mundo do outro”, uma sensação de “eu te basto”. Mas o tempo passa e traz consigo a necessidade de viver outras coisas, e talvez outras emoções com outras pessoas, afinal o ser humano é formado por várias nuances. Possivelmente outras paixões.

A durabilidade do amor está relacionada com a liberdade, que ao mesmo tempo não é livre, pois o amor deixa para o ser humano uma sensação de liberdade, é como se o próprio amor e o amante fossem totalmente livres, mas não é exatamente assim que a canção mostra. Existe a proibição do deitar, ato de autoridade de quem pode proibir, já que está contaminado pelo ciúme, portanto, justificável aos olhos do ciumento. Essa falta de liberdade que permeia o começo da canção vai dar lugar a uma sensação de prisão, o que acaba provocando a necessidade de convivência com outras pessoas, e aí a possibilidade de divisão. A possibilidade de dividir a emoção, o ciúme, é acionado de uma forma arrebatadora; o enciumado torna-se enfurecido ou triste, ocupando assim um papel de vítima. Embora o eu-lírico tenha a consciência desse ciúme, diz: “O amor só dura em liberdade” e a oferece mesmo que sofra muito.

A mais bela atitude é a geradora da maior frustração e dor: a divisão da coisa possuída, ou a divisão do objeto de ciúme. A idéia de compartilhar não agrada ao ciumento, ao contrário, leva-o a desesperadora dor. Está presente na música o pavor de dividir com uma

terceira pessoa a mesma emoção compartilhada, o mesmo sentimento de paixão, medo de perder a exclusividade, de deixar de ser o dono de uma emoção única, que deixa de ser única quando passível de divisão. Esse tormento é muito forte e presente na maioria dos ciumentos.

“O ciúme é só vaidade”, o verso caracteriza o ego ferido, o próprio ciumento o classifica como vaidade, orgulho ferido; portanto possível de ser controlado, ao invés de controlador. Ele apresenta essa possibilidade, mas cita um contrário, ao apelar com o próximo verso: “Sofro, mas eu vou te libertar”. Significa que, no momento, o ser amado está preso e que num futuro próximo será libertado, embora sofra. Já temos aí uma chantagem persuasiva: “se você me ama não vai querer que eu sofra”, logo: continuará sem liberdade. E, mais uma vez, a vontade do ciumento será satisfeita.

A confusão e o desequilíbrio aparecem nas antíteses presentes e analisadas. O que torna explícita a presença do sentimento ciúme. Portanto, o ciúme é usado como forma de coibir o outro, passa por um processo de argumentação, persuasão, mas depois de perceber que pode não sair vencedor, ou seja, que a sua vontade está correndo risco de ser concretizada, parte para a apelação e imposição, por meio da chantagem emocional.

Pudemos perceber nesse exemplo que a presença do ciúme dentro dessa canção é explicitamente marcante e impera no decorrer da canção. O ciúme, nesse caso, é o motivo da canção. É por meio desse sentimento que o ciumento discorre o seu comportamento diante do seu objeto de ciúme.

2.4. As paixões: reguladores das relações humanas

Oh os poetas inventaram inventarão para si mesmos o mito de que as assim palavras foram antes som de ser palavras- alma; alga; lama mal amalgamada – som como a mágica música som como a alma do mundo que temos os olhos separados dos ouvidos, velando e revelando o talvez nome do sem nome que as coisas tem de nós dentro. (Caetano Veloso apud Rossi:2006, 23)

As paixões impulsionam o existir: o desejo, o amor, a inveja, o ciúme, a emulação, o ódio, a segurança, a calma, o favor, o temor, a compaixão, a indignação, a vergonha e a imprudência. Elas injetam-se no agir humano, delimitam caminhos, interrompem projetos, elevam; fazem rir, chorar e, assim, condiciona, de um outro modo, o viver.

São as paixões que movem o indivíduo a agir de modo tempestuoso. A paixão é o fruto e a causa do agir sem pensar, do movimento de alcançar o objeto de desejo sem pesar as conseqüências.

O ser humano é constituído, entre outras partes, de razão e emoção. Esses são conceitos antagônicos e fazem com que ele seja pautado dentro de uma contradição. Para Aristóteles, a paixão divide, junto com a razão, a alma do ser humano:

Há na alma, ao lado da razão, um princípio ativo e um princípio passivo, ação e paixão se compensando. Essa vontade de lutar contra a paixão não é verdadeiramente racional, na medida em que ela própria se mostra, afinal de contas bastante passional, e Platão caracteriza-a como um ardor de sentimento, uma prova de coragem que consiste em encolerizar-se contra a violência que os desejos exercem sobre nós se não cuidamos, precisamente, de lhes resistir: É que às vezes a irritação luta com os desejos como se fosse uma força diante de outra. (Aristóteles, XXI)

O desejo e a repulsa, a vontade e a negação, enfim, as mais variadas e ampliadas contradições fazem parte dessas paixões que misturam raciocínio e impulso, fazendo do homem um ser totalmente vulnerável aos sentimentos e atitudes.

A razão é o lado ativo da alma, e a paixão, o lado passivo da alma do homem. Assim, o homem age de forma consciente quando está tomado pela razão, e de forma impulsiva, de acordo com os seus desejos, quando está sob o efeito da paixão.

Segundo Platão

A razão tende para um bem e o conhecimento deste leva naturalmente a praticá-lo. Lembremos: ninguém é mal voluntariamente. Traduzamos: o mal é fruto da ignorância, da ausência da razão, e puro produto da paixão, cega e automática como a sede que induz a beber. (Platão, apud Aristóteles, 2003: XXIII)

O que nos leva a agir por impulso ou por desejo está pautado na paixão; hora ela pode ser representada por um sentimento, hora por outro, determinando assim o movimento do apaixonado. Logo, o papel que a paixão exerce na vida do homem é muito amplo.

Aristóteles ainda diz que “além disso dá se o nome de paixões a tudo o que, acompanhado de dor e de prazer, provoca tal mudança no espírito que, nesse estado, observa-se uma notável diferença nos julgamentos proferidos”. (Aristóteles, 2003: XLII)

A paixão é um dos possíveis movimentos que condiciona o ser humano a agir ou a movimentar-se dentro da vida, ou se movimenta por si só, ou fica a mercê do próximo acontecimento, que nesse caso, indica uma dependência do ser amado.

Essas paixões apresentam-se em categorias como: a cólera, o amor, o ódio, a compaixão, o desejo, a posse, o prazer, o desespero, a vontade, a inveja, a compaixão, a indignação. O tipo de paixão é o que determina a intensidade do nível de envolvimento do indivíduo. Esse sentir é o que move o ser. Essas paixões formam dois grupos que Aristóteles classifica como o grupo do prazer e o grupo do sofrimento. O grupo do prazer é aquele que só causa sentimento bom e sensação boa, não há nele a presença de dor, sofrimento ou mesmo desejo de morte. Já no grupo classificado como o grupo de sofrimento, temos os seres tomados pelo extremo da paixão, aquela que causa dor, inveja e desejo de vingança. São propriedades daqueles que desejam e até planejam o mau ou ainda a morte para o outro.

A paixão, parte estrita do amor, é o sentimento que determina o comportamento individual dentro do universo. O mundo não parece o mesmo para as pessoas que amam e que odeiam, dependerá do tipo de sentimento pelo qual o indivíduo está tomado, a representação que fará da maldade. (Platão apud Aristóteles, 2003: XXI)

Para uma pessoa tomada pela “paixão amor”, a vida parecerá doce e encantadora; ao passo que para um ser irado, que está possuído pelo ódio, a vida se mostrará dura e triste, como se perdesse o encanto. É muito diferente a visão que uma pessoa que ama faz da vida da visão que uma pessoa que odeia. Ambas projetam a realidade de forma bem diferente. Os mundos passionais parecem mesmo antagônicos, e o são. É como se o amante tivesse a força do universo, a alegria exalando da sua pele; o amante ama a vida e tudo que faz parte dela. Já o ser humano tomado pela cólera não consegue ter vontade de fazer parte desse universo. Que considera ingrato ou injusto.

Segundo Aristóteles:

As paixões são todos aqueles sentimentos que, causando mudança nas pessoas, fazem variar seus julgamentos, e são seguidos de tristeza e prazer,

como a cólera, a piedade, o temor e todas as outras paixões análogas, assim como seus contrários.(Aristóteles, 2003: 5)

Assim, as atitudes são concretizadas. Tais atitudes dependem da sua relação com o nível da paixão e da categoria: amor, ódio, cólera, e intensidade: equilibrado, louco, inseguro. A atitude do ser humano apresenta uma relação direta com o sentimento pelo qual está tomado, pois será a partir desse sentimento que formará a sua visão de mundo e agirá perante ele. Disso decorre seu comportamento. O ser que está bem emocionalmente age com mais cautela e terá consigo sempre a razão que fará desse sentimento uma benevolência. Ao passo que o indivíduo que está tomado pelo ódio tem atitudes desequilibradas e insanas.

Para Aristóteles: “A razão é uma paixão refletida, portanto contida, subordinada a um fim pensado.” (2003: XXVI) A paixão ideal em termos de intensidade, é aquela que é dosada pela razão, porque só assim o apaixonado fica com a parte boa; quando a emoção extrapola e cresce mais que a razão, o apaixonado fica vulnerável a cometer desalentos. O extremo não faz parte da paixão.

Podemos ainda dizer que a paixão é ação e expressão da individualidade, daquela face que nem mesmo o ser apaixonado conhecia em si, é um adentrar no desconhecido, surpreendendo muitas vezes a si e ao outro. E que aceitar o outro é aceitar-se a si mesmo. O que é um movimento difícil.

A paixão e o argumento estão intrinsecamente ligados, já que a argumentação é o que serve de tradutor para o apaixonado transmitir seus sentimentos. O argumento é a ação de convencer e para tal é necessário descobrir o que o outro (objeto da paixão) sente, e quais são suas paixões, para que o apaixonado possa utilizar o melhor meio de atingir o seu objeto de desejo, tocá-lo, ou ainda se fazer ouvir.

Esse “sentir” é uma confusão, é a perda de opção, variação, é o momento do movimento por excelência, é o sentir e agir de acordo com a circunstância presente: “Pois é o teclado que o bom orador toca, para convencer o outro. Elas são as respostas às superioridades e às inferioridades” (Aristóteles, XL). Assim, é por meio da argumentação retórica que o auditório (ouvinte) se aproxima de seu orador, identifica-se com e atribui-lhe o apançamento necessário. Assim é facilitado o ato de convencer e o de persuadir. O diálogo se concretiza.

A seguir enumeramos as doze paixões, de acordo com Aristóteles, a fim de conceituar as diferentes paixões que compõem o ser humano.

1. A CÓLERA, desejo acompanhado de tristeza e concomitantemente de prazer, já que o encolerizado sente ira de determinado indivíduo e também alimenta o desejo de vingança. A simples imagem da concretização dessa vingança causa prazer e alegria ao possuidor da

os mesmos gostos e princípios e por essa afinidade se aproximam, cuidam dos seus, são leais com o próximo e, assim, por serem boas, despertam o amor.

O amor, portanto, é virtude dos bons, daqueles que vivem do próprio trabalho. Não exploram outro ser para sua própria subsistência, se preocupam em trabalhar para poder sobreviver. Vamos sempre amar aqueles que nos respeitam, nos ouvem, nos dão razão e ainda são nossos cúmplices. Quanto mais os outros se parecerem conosco, maior será a nosso amor por eles.

4. O ÓDIO, diferente da cólera, que só se sente por alguém das nossas relações, é paixão sentida por alguém que não possui nenhuma relação pessoal. É desejo de fazer mal para o outro. Esse desejo pode ser em relação ao indivíduo, ou à classe total de que faz parte, por exemplo, a categoria bandido que é odiada por inteiro e não individualmente.

Quem odeia deseja que o ser odiado desapareça. Não há espaço para a compaixão dentro do sentimento ódio, ainda que o tempo passe, se houver um resquício, ainda que pequeno, de compaixão, não será mais o sentimento “ódio”. Aí esse sentimento já terá dado lugar a outro.

5. O TEMOR é representado pela situação próxima. Vem daquilo que se encontra perto. Não se teme o que está longe, até por parecer pouco provável. O novo provoca o temor, por trazer algo diferente daquilo que costuma viver na sua rotina, e que não reconhece, totalmente estranho à sua vida.

Surge diante das coisas que parecem possuir grande capacidade de arruinar, ou ainda, que possam levar a grandes sofrimentos, e em qualquer fase da vida, seja uma injustiça ou mesmo o temor de vingança. Só teme aquele que possui algo, pois notoriamente o temor vem da perda, da ameaça de que alguma coisa não continue como está.

A vida é um bem possuído, não se teme a morte, a menos que ela pareça muito próxima.

Para Aristóteles “não se temem os que estão muito distantes; assim, todos os homens sabem que vão morrer, mas, como esse fato não é imediato, não lhes traz nenhuma preocupação”. (Aristóteles, 2003: 31)

6. A CONFIANÇA é a certeza de que tudo ficará como o esperado no final, é a certeza de que tudo terminará bem.

A confiança advém no credo de que os meios de salvação estão próximos. Pode inclusive dizer-se que a confiança é aquele sentimento que virá após o temor; passou o temor, vem a confiança do final feliz.

Os confiantes são aqueles que gozam da sorte de sempre se saírem bem no final dos acontecimentos, esses carregam a certeza de que tudo sairá certo. È essa certeza de vitória no final que traz o conforto do sentimento de confiança.

7. A VERGONHA e a imprudência são os sentimentos que trazem ao homem a sensação de constrangimento perante o ambiente social em que vive ou se relaciona.

Segundo Aristóteles: “certa tristeza ou perturbação com respeito aos vícios presentes, passados ou futuros, que parecem levar à desonra; a imprudência é certo desdém e indiferença por esses mesmos defeitos.” (Aristóteles, 2003: 39)

É o sentimento de ser menor do que o esperado pela sociedade, de ter menos do que se propôs, ou de ter saído de um processo com algo muito aquém daquilo que era almejado pelas pessoas próximas, ou ainda, que torciam e acreditavam em determinado indivíduo. Tudo isso traz a sensação de vergonha.

Comumente, sente-se vergonha em relação às pessoas que fazem parte de um mesmo grupo, ou ainda com quem se tem relação afetiva. Podemos citar, como exemplo, a família, colegas de trabalho, companheiros de classe, jogadores de um mesmo time, fãs. Qualquer ato que desabone o ser quanto à ética, quanto ao comportamento social politicamente correto, ou ainda quanto ao desempenho profissional, acarretará no sentimento de vergonha. A vergonha, como o temor, está presente quando se está diante do novo, do inusitado.

Em muitos casos a vergonha é indício de uma frustração pública, ou seja, de uma exposição coletiva e não individual, que na sua essência não teria o mesmo teor se fosse mantida em segredo, se fizesse parte do plano individual.

O envergonhado cria mecanismos para se justificar. Quanto maior for o nível de decepção causado, maior será o sentimento de vergonha e mais intensos os pedidos de retratação.

8. O FAVOR é o sentimento representado pelo ato da doação, desde que essa seja realmente com o intuito puro e simples de “ajudar”, sem nada esperar em troca, nem mesmo a elevação do *status*. Se, ao realizar o ato, o indivíduo espera que seja divulgado a fim de se beneficiar com a compaixão alheia, tal ato perdeu-se em si. Só será classificado como favor a

fortuna ou bem alheio. A posse nesse caso elevará o

emoção, e causa muita dor com a sua fúria: “não há pois possibilidade de passagem da paixão para a razão. A passagem da razão para a paixão é, ou inútil, ou impossível, o que nos dois casos condena a filosofia”.(Aristóteles, XXII)

Pois a cada paixão temos também o seu contrário; elas se apresentam com um lado positivo e outro negativo. Vale dizer que para o amor, temos o ódio; que para a emulação, temos o desprezo; para o desejo, temos a posse; para cólera, temos a calma; para o temor, temos a confiança. Assim, a paixão é um bem e um mal em si, e, portanto, como não poderia deixar de ser, as paixões são tão contraditórias.

Citamos como exemplo a obra de Camões, *Amor é fogo que arde sem se ver* (1997):

*Amor é fogo que arde sem ver,
É ferida que dói, e não se sente;
é um contentamento descontente,
é dor que desatina sem doer.
É um não querer mais que bem querer;
É um andar solitário entre a gente;
É nunca contentar-se de contente;
É um cuidar que se ganha em se perder.
È querer estar preso por vontade;
É servir a que vence, o vencedor;
É ter com quem nos mata lealdade,
Mas como causar pode seu favor
Nos corações humanos amizade,
Se tão contrário a si é o mesmo Amor?*

O poema acima foi transformado na canção Monte Castelo, por Renato Russo (1987), e como não poderia deixar de ser, foi um grande sucesso no final da década de 1980. A canção se popularizou rapidamente. Essa composição é uma adaptação da *Bíblia*, do livro II Coríntios, e algumas pessoas conheceram primeiro a canção, para depois descobrirem que os seus versos eram bíblicos. Sendo a *Bíblia* um livro tão popular, essa informação nos demonstra o quanto a música como tradução das paixões toca o ser humano.

Enquanto a razão se mantém, não há espaço para a paixão considerada negativa, mas quando a razão esvai-se, a paixão toma conta. Podemos perceber que o poema é tomado de antíteses e paradoxos, do mesmo modo que as paixões.

A contradição, como não poderia deixar de ser, está presente ao longo do nosso texto. Mas o que é a paixão senão contradição, tese e antítese que se misturam e se digladiam o tempo todo?

Uma outra concepção de ciúme se encontra no livro *Semiótica das paixões*, Greimass (1988), que classifica o ciúme como o temor de perder o objeto na presença de um rival ao menos potencial ou imaginário, e o temor do rival nasce da presença do objeto de valor que funciona como pivô.

O ciúme, numa relação passional, pode ser tanto uma depressão e um sofrimento quanto um temor e uma angústia. Depende do momento do acontecimento, do fato que desperta o ciúme: se o ciumento encontra com o objeto de ciúme numa situação de previsão ou se numa situação de pós-acontecido.

Assim, ciúme é apego, rivalidade, insistência, desejo, zelo, indiferença, sensibilidade, dor, medo, rivalidade, amargura. Mas nosso foco será sobre os conceitos de rivalidade e apego.

Segundo o dicionário *Petit Robert* “rivalidade seria a situação de duas ou mais pessoas que disputam por alguma coisa”.

Na obra de Greimass, encontramos uma dissidência causada pelo ciúme, já que por estar tão desajustado o ciumento deixa de desfrutar do prazer e presença do ser amado e fica apenas com o lado negativo, ruim, a dor. O fato é que o ciumento fica tão perdido e perturbado na sua dor que, de tanto se esforçar para conservar sua amada só para ele, não sonha mais com experimentar, o que no começo fazia suas delícias. A sua atitude, a partir desse sentimento, passa a ser apenas de vigiar o objeto e sofrer suas conseqüências, e assim fica privado de desfrutar as boas sensações.

O apego e a rivalidade constituem a configuração do ciumento. O apego é o sentimento que o ciumento nutre em relação ao seu objeto de ciúme e a rivalidade é o sentimento desencadeado em relação ao seu rival.

A rivalidade nunca se apresentará de forma alegre ao ciumento, pois ela é a presença concreta da dor e da ameaça de perder seu objeto. O apego apresenta-se de forma inquieta e preocupante. Já que essa relação apego-rivalidade é interdependente entre si.

Entretanto, o ciúme é ao mesmo tempo inveja e desejo, do e pelo outro. É um sentimento de vingança. É uma paixão de muitas interfaces, perpassa por todas as paixões, ora

restringindo-se mais em uma, ora mais em outra. É por meio do ciúme que o indivíduo acaba experimentando os argumentos e utilizando-se de grande variedade retórica, a fim de persuadir o objeto de seu ciúme a comportar-se do modo imposto por ele.

Na obra de Greimas & Fontanille, *A Semiótica das Paixões*, as paixões aparecem com algumas nuances que se diferenciam das paixões aristotélicas. O ciúme é classificado como uma paixão, e a partir daí os autores ampliam o conceito de ciúme.

A EMULAÇÃO, sentimento que leva a igualar ou ultrapassar alguém em mérito, em saber, em trabalho, é um antigo sinônimo de rivalidade e ciúme, e em alguns casos transformada em mérito, pode ser classificada também como uma paixão.

“O ciúme das pessoas superiores transforma-se em emulação, o dos espíritos pequenos, em ódio. Segundo o autor, o desequilíbrio positivo advém da superioridade moral do ciumento e o desequilíbrio negativo a seu espírito pequeno.” (Balzac apud Greimas)

Para Balzac, o ciumento que consegue manter “uma linha de conduta” está pautado numa ética social de comportamento do ciumento. Enquanto o desequilibrado de espírito pequeno já perdeu todas as regras sociais de conduta.

A INVEJA “apresenta-se em duas formas: sentimento de tristeza, de irritação ou de ódio que nos anima contra quem possui um bem que não temos, e, de outro, ela pode também ser entendida como o desejo de gozar de uma vantagem, de um prazer igual ao de outrem”.

Assim, a inveja tem dupla face: tanto pode representar o desejo de possuir algo que pertence ao outro, ou ainda desejo de ocupar o lugar alheio. De qualquer modo é um sentimento que nos remete ao negativo, não há resquícius do bem.

A SOMBRA “é sentimento de desconfiança, temor de ser eclipsado por alguém” (Greimas:1998). Ao contrário da emulação não é o desejo de roubar posição do outro, mas sim o medo de ter o próprio lugar roubado por outrem. É o outro como representação do fim.

O ZELO *equivale-se a um vivo ardor em servir a uma pessoa ou a uma causa à qual nos consagramos sinceramente*. O zelo seria o *apego intenso*, que por outro lado tem significado dissidente de uma oposição positiva e negativa: uma paixão moralizada positivamente – zelo –, e outra paixão moralizada negativamente – ciúme. (visto por Greimas como uma paixão).

Para nós, a inveja e a rivalidade têm significado muito distinto, mas para os gregos são muito similares. Daí a sutileza de interpretação, já que tem significado muito tênue.

A POSSESSÃO e o PRAZER. A possessão *faculdade de se usar o bem que se dispõe*. A possessão se apresenta em duas dimensões, que são: a dimensão pragmática e a dimensão tímica. Na dimensão pragmática, é o desejo de possuir que persiste no indivíduo. Na dimensão tímica, é o prazer do desfrute que se sobrepõe. Um exemplo, durante a compra de

uma casa, o desejo da compra, a escolha, a visita ao imóvel e a possibilidade de fechar o negócio, é a possessão pragmática que está presente. Agora, quando esse desejo deixa lugar para a necessidade de desfrutar da casa, já é a possessão tímica que toma conta.

“Por mais que se impute o ciúme ao amor ele é sempre falta de estima.” (P.C.N. de la Chausse apud Greimas)

Com essa afirmação vemos que o ciúme é um sentimento individual e que sua origem está no próprio ciumento e não é fruto de uma provocação alheia, mas sim uma questão de auto-estima.

A EXCLUSIVIDADE é a recusa em partilhar. É o desejo de tomar só para si e não dividir. Retoma o conceito de ser único a usufruir tal prazer. E inicia a presença de um rival, afinal é a presença dele que representa a não-exclusividade. A possibilidade de divisão. O temor de perder a posição de único.

O próprio sentimento de ciúme já é por si só um enaltecer do rival. Afinal, se o outro significa ameaça é porque entende a presença de elementos que fazem com que o ciumento sinta-se temeroso. A postura do ciumento é desencadeada por uma grande tomada de apego. Esse sentimento sustenta o ciumento. Greimas apresenta o conceito de apego como:

conceito genérico: apego vivo e sombrio; um sentimento mau: sentimento mau que se experimenta vendo um outro sentir prazer...; uma inquietude: inquietude que inspira o desejo de partilhar...; e enfim um sentimento doloroso: sentimento doloroso que as exigências de um amor inquieto, o desejo de possessão exclusiva da pessoa amada, a suspeita ou a certeza de sua infidelidade fazem nascer naquele que o experimenta. (Greimas, 2003: 1998)

Na conceituação da Greimas, o ciúme é a causa de gostar, de um sentimento incontestável de apego. É querer o outro para si, num grau de exclusividade e possessão que não deixa margem para o rival. O afastamento de qualquer possibilidade de divisão deixa o ser ciumento mais tranqüilo, dentro do que é possível chamar de tranqüilo. O ciúme muitas vezes pode ser interpretado como bem querer, cuidado, dedicação, mas é o tipo de sentimento, desequilíbrio ou positivo ou negativo que gerará uma atitude ética ou não do ciumento.

Ele afirma que a única saída para o ciumento seria não mais amar, porque enquanto restar uma pequena e/ou única esperança, haverá sofrimento.

2.5. Conceito de ciúme

O que escutamos quando ouvimos uma canção de amor? O que há nela que possibilita esse gozo da escuta? Uma possível resposta seria de que se trata daquilo que o desejo humano mais procura: o tenso arco da demanda amorosa dirigida ao outro. (Rossi:2003,31)

Neste item apresentamos a conceituação de ciúme e o ciúme na retórica, respectivamente. Adotamos concepções de ciúme e identificamos a presença dessa paixão em algumas situações. Depois tratamos do ciúme como elemento presente no ato retórico. O ciúme é a paixão que se desencadeia a partir de uma outra paixão; ele é sempre consequência de uma paixão anterior, e nunca é a causa. Essa paixão fará parte de uma relação de proximidade, de envolvimento. Na maioria dos casos que apresentaremos, o ciúme é sentido por uma pessoa que “faça parte do meio”. É muito provável que o ciumento seja despertado a partir do medo da perda, do risco que sente em perder o objeto do seu ciúme. Ou ainda a partir da possibilidade de divisão – esse também é um fator que desperta grande crise do ciumento. Como já citamos anteriormente, a sensação de bem que o objeto do ciúme desperta deve ser única e inédita, daí justificamos o ciumento do passado ou do futuro; aquele que prefere acreditar que o ser no qual ele deposita sua paixão passou a existir no dia em que se conheceram, apagando assim qualquer marca do que já foi, e de preferência esquecendo tudo que fez parte da sua vida.

O conceito de ciúme foi abordado sob alguns campos de conhecimento. Tratamos de conceituá-lo sob a ótica de alguns autores como Marilena Chauí, René Descartes, Aristóteles e Humberto Eco. Apresentamos ainda o ciúme na canção da MPB e também colhemos alguns conceitos e/ou exemplos em outros campos de conhecimento, como a Música, a Psicologia, a Filosofia, a Literatura. Assim, temos as contribuições dos autores e, paralelamente, as abordamos na sociedade e na cotidianidade.

Afirmamos que esse sentimento tão arrebatador ocupa um espaço de destaque na sociedade. As diferenças aparecem na intensidade e na forma, porém ele é sempre causador de desconfortos, constrangimentos, explicitação das paixões ou até mesmo tragédias.

A seguir apresentamos seus conceitos e variações. A conceituação é subjetiva, já que os ciumentos agem de formas variadas quando estão sob o seu domínio.

Para Chauí:

O ciúme é uma confusão de sentimentos. Nós amamos uma pessoa e tudo o que a faz feliz. E odiamos o que a aborrece. Mas se esse ser amado amar outra pessoa. Esse terceiro é amado e odiado por nós ao mesmo tempo, porque se torna um rival, mas meu amado feliz, e me deixa triste. Já não sabemos o que sentimos. Amor e ódio são simultâneos. (Chauí, 1998:351)

Como vimos, há nessa conceituação a presença de duas paixões muito fortes e antagônicas: o amor e o ódio. Nos referimos ao amor sempre como um sentimento de bem querer, de desejo de felicidade ao outro. E o ódio, sentimento tão forte que chega a desejar o mal para o outro. É uma mistura de bem querer e mal querer que faz com que o “bem seja o que o ser ciumento decide que seja o bem”, ainda que transforme a vida do ser amado em uma prisão, já que o outro deve obedecê-lo, pois só deseja o seu “bem maior”.

Para Descartes o ciúme é conceituado como um ponto positivo dentro da relação de amor, pois ciúme é o temor fundado de perder algo. Segundo Descartes, o ciúme:

é uma espécie de temor, que se relaciona com o desejo de conservarmos a posse de algum bem; e não provém tanto da força das razões que levam a julgar que podemos perdê-lo, como da grande estima que temos por ele, a qual nos leva a examinar até os menores motivos de suspeita e a tomá-los por razões muito dignas de consideração (Descartes, 2005: 146)

Não importa se for o temor da perda, o temor de que algo possa mudar durante o trajeto. Tal temor traz consigo a fantasia, a variação. O temeroso imagina que seu bem pode ser perdido a qualquer momento.

Nesse caso, o ciúme pode ser classificado como um sentimento positivo, pois há casos em que o seu teor é representando por cuidado e zelo, para com os objetos ou o ser humano amado. Um pastor que cuida de suas ovelhas com extremo zelo não pode ser acusado de possessivo, já que visa apenas o bem estar delas.

Descartes apresenta o ciúme como uma sensação fundamentada:

Depende da situação que ele aparece: dependendo do interior da circunstância do ciúme, esse sentimento não será de todo ruim. Pois pode

representar cuidado e zelo, num sentido mesmo de proteção. (Descartes, 1998: 146)

A posse é a base do ciúme, e o amor a sua justificativa. O medo da perda acaba por levar o ciumento a delirar com a hipótese de perder o ser ou objeto desejado. E é sob o domínio de quem teme alguma coisa ou fato que o ciumento age e reage em prol do seu “cuidado, zelo”.

A origem vem do campo emocional, e mesmo tentando usar a razão, é a emoção, e somente ela, a responsável por esse turbilhão sentimental. Na atitude do ciumento a razão cresce e ocupa o espaço maior dentro do pensamento do indivíduo.

As diferenças individuais não são levadas em consideração quando se trata de ciúmes, que atinge os mais diversos tipos de indivíduos, independentemente da faixa etária, do nível cultural, do nível social e do credo do indivíduo.

Ainda segundo Descartes, não é a “coisa” propriamente dita que o ciumento ama, e sim a “sensação” de bem estar que essa “coisa” lhe causa. O medo de perder essa “coisa”, ou a “sensação causada por ela”, é que faz com que o “ser enciumado” tome atitudes irracionais, a fim de manter-se como proprietário do “seu bem”. E essa paixão só é considerada “ciúme” (posse) se a desconfiança for infundada. Porque, segundo Descartes: “se o ciumento tiver de guardar seu bem, porque andam a espreitar sua propriedade, será zelo e não ciúme” (1998).

Nessa perspectiva, (o ciúme como um sentimento do bem), identificamos o “efeito positivo do ciúme, portanto justifica-se a atitude, desde que ela tenha como fundamento o bem querer do outro”. Logo, quando o ciumento age em prol de uma real possibilidade de perda, ele acaba mantendo a razão do seu lado.

No livro *Retórica das paixões*, de Aristóteles, o “ciúme não aparece como uma paixão”. Pois esse sentimento não existe por si só, e sim advém de uma das paixões. Mas, é a partir delas que o ciúme se manifesta. O ciúme está atrelado ao sentimento de exclusividade. Temos como exemplo a inveja, que pode ser manifestada a partir do desejo de possuir o que pertence ao outro. Ou ainda: “o desejo de ser tratado pelo chefe como o outro funcionário o é”, ou seja receber a mesma atenção oferecida ao outro. Ele está representado a partir desse desejo.

Para o filósofo Humberto Eco, o ciúme se apresenta é como uma qualidade ao amor. Sentir ciúme é uma representação de amor com qualidade: “Quem não sente ciúmes pela amada não é amante, ou ama de coração ligeiro, de modo que o seu amor se atenua, o alimentam procurando a todo o custo razões de ciúme” (Eco, 2002). O autor afirma que “ser

amor verdadeiro e forte. A qualidade do amor depende dessa dosagem., logo diz que o amor só será amor verdadeiro se for acompanhado de uma grande porção de ciúme. Assim, o ciumento deseja ser o único a proporcionar as emoções que deseja despertar no objeto de seu ciúme, ou seja, é tomado por um tipo de desespero ao imaginar que tal objeto possa sentir uma emoção análoga quando se relaciona com um terceiro sujeito.

Para o autor “os prazeres do amor são males que se fazem desejar, onde coincidem a doçura e o martírio, e o amor é a involuntária insânia, paraíso infernal e inferno celeste – em resumo, concórdia de ambicionados contrários, riso doloroso e friável diamante” (2002, 36)

Para Eco, é esse prazer de sentir-se ameaçado que causa avivamento no amante. O amante se alimenta da dor de uma suposta perda, e quanto mais essa dor parecer real, maior será o prazer desse descompassado sentimento. Ou seja, quanto mais próxima essa ameaça se encontrar, maior e mais verdadeiro será a tomada dessa paixão.

Ora, temos uma duplicidade: entendemos o ciúme como o medo da perda (temor), mas também acreditamos na possibilidade de ser o alimento que torna mais emocionante e duradoura a relação.

A sociedade pede para que os seres humanos tenham uma determinada linha comportamental, “um equilíbrio nas emoções”. Essas devem ser contidas a ponto de não criar situações constrangedoras aos homens. De uma forma geral, os homens comportam-se assim (padrão normal) na maior parte do tempo. Porém, há situações que fogem ao controle e dão origem aos comportamentos que chocam com o padrão social, afinal, não fazem parte do comportamento virtuoso esperado pelo grupo ao qual o indivíduo pertence.

2.6. O ciúme como manifestação da paixão

Quando o caminho escolhido para reclamar a dor é essa arte tão presente e importante- a música- ela e o ciúme aproximam-se espontaneamente e se identificam como expressão. É por meio da canção que o ciumento expressará seus sentimentos: disfarçado, explícito, arrojado, tímido ou assumido. Enfim, é o instrumento que usado para traduzir seus sentimentos e manifestar essa paixão.

O ciumento age e reage a cada fato novo dentro da relação, ele arquiteta hipóteses e fantasia situações que talvez, nem mesmo os indivíduos surrealistas conseguiriam pensar. Algumas canções apresentam explicitamente a crise do ciumento, as paixões presentes, mas também temos a canção que disfarça, toma atitudes e nega que o eu-lírico esteja se importando com o outro. Então faremos a análise retórica, observando a analisando as

metáforas presentes e recorrentes dentro das letras analisadas. Observaremos e analisaremos os comportamentos mais cometidos diante das situações de ciúme e dos ciumentos em potencial. Os mesmos atos justificando-se em situações diversificadas de relacionamento, porém com o mesmo pano de fundo.

2.7. O ciúme nas áreas de conhecimento

Neste item trataremos abreviadamente o conceito de ciúme em alguns campos de conhecimento: a Psicologia e a Literatura. Observaremos como essa paixão traz oscilações e diferencia-se nas características aparentes, mas que a posse está quase sempre presente na crise do ciumento.

2.8. O ciúme na Psicologia

No campo da Psicologia, para Klein, o ciúme aparece como uma “combinação” de emoções. Uma mistura de inveja, medo e raiva. Ainda segundo Klein: “O ciúme está baseado na inveja, por mais que se diferencie desta, pois tem como pano de fundo o amor e estaria revelando o medo de perder a pessoa amada para um rival.” (Klein apud Ferreira:2002)

A análise que fazemos é que o ciúme não existe por si só. Diferentemente das outras paixões, só existe a partir de determinada “paixão”. Pode ser consequência de inveja, medo, carência, amor, concorrência, insegurança etc. Assim, o ciúme impõe-se como uma característica natural do amor. O que o conceitua: nem bom, nem ruim, mas sempre presente. Torna-se sentimento ruim quando causa o descontrole, trazendo a agressividade como sua parceira e consequência.

Para Shinyasshiki e Dumêt (apud 1988), o ciúme aparece como controle: “O fato de não ter controle das ações e dos pensamentos do outro; de não admitir que o outro é um ser individual, autônomo e que sua individualidade precisa ser respeitada.”

A simples idéia que algum outro pensamento que não seja o “próprio” pode ocupar os pensamentos do outro causando verdadeiras e trágicas, cenas e atitudes de irracionalidade. Quando se trata de emoção (e vivemos, quase sempre, cercados por ela); é possível que o ciúme se faça presente ora de forma mais controlada, ora insana.

Ainda dentro da Psicologia, podemos destacar a afirmação de Ferreira Santos: “O ciúme não é um sentimento, mas sim um estado de alma, pois este envolve um complexo de

pensamentos, sentimentos e ações que têm conseqüência na relação interpessoal, na vida psíquica e, às vezes, também na existência física”. (1996: 32)

No livro *Ciúme: o medo da perda* (1996), Santos apresenta o ciúme como o medo e faz assim uma relação ao medo citado por Aristóteles: o medo da perda é que faz com que o ciumento aja e reaja diante da situação presente. É por causa desse medo que o enciumado cria situações de desconforto e desenvolve o comportamento neurótico; o medo traz essa sensação de paixão louca e dominadora, que exige um cuidado excessivo.

Sua origem vem sempre de sentimentos de inferioridade, desprezo, desonra e abandono. Acrescenta ainda que a característica marcante do ciúme: “é o imaginário, pois é na incerteza e na dúvida que ele se instala.” (1996:35)

A dúvida aparece como uma projeção, e aumenta as proporções a cada instante. O quebra-cabeça imaginário monta-se perfeito, e o ciumento passa a ter “certezas”, muitas vezes infundadas.

2.9. O ciúme na Literatura

Na Literatura, o ciúme é tema presente em muitas obras clássicas; por onde passa é causador de dor, desavença, desconfiança e até morte. Na literatura grega, podemos falar da deusa mais ciumenta do universo: Hera, que cometeu grandes sandices, tomada pelo ciúme. Hera fora intensamente provocada por Zeus, seu fiel companheiro, que despertou-lhe tanto ciúme que a fez cometer atos incrédulos por causa disso.

Ainda na Literatura Universal citamos Shakespeare: em sua obra *Otelo*, o ciúme exerce tamanha desconfiança que o protagonista da tragédia chega a matar sua amada. Durante a história, ele é tomado por tamanho ciúme – representado nesse caso, pela insegurança e por tanta raiva –, que seu sentimento de traição o leva a esse trágico desfecho.

Na Literatura Brasileira temos um outro exemplo: em *São Bernardo* (1984), de Graciliano Ramos, o ciúme é o culpado por uma vida inteira de desilusão e remorso. A personagem Madalena, casada com Onório, tem a expectativa de viver uma grande história de amor. Porém, conhece a tristeza e a desilusão. Seu marido torna-se cada dia mais refém de um grande sentimento de ciúme, e com isso fica mais rude a cada dia, chegando a ficar “cego” em nome desse sentimento.

Na obra de Machado de Assis, *Dom Casmurro* (1999) a história termina e o enigma continua sem desfecho. O ciúme é motivo de infelicidade e desencontros; as acusações

permeiam os capítulos e nem mesmo a morte consegue eliminar a dúvida. O protagonista é tomado por intensa paixão e fica cego aos fatos reais.

O cenário ciumento é muito presente na sociedade, mas ainda assim, chega a ser

Entendemos o ciúme como temor, o medo de perder um bem adquirido. Como dissemos anteriormente: o ciúme não é um sentimento que existe por si só, mas depende de outros sentimentos para existir. Sua sensação advém de uma paixão, algumas vezes rejeitada. Mas, acaba por atingir e fere a vaidade do sujeito. O ciúme é a interface entre a vaidade e a posse. É um sentimento latente que se manifesta em outras paixões e atitudes. Sentimento egocêntrico, resultado do valor de propriedade.

Segundo o dicionário *Aurélio*, ciúme é apresentado como “sentimento doloroso causado pelas exigências dum amor inquieto, pelo desejo de possuir a pessoa amada, pela suspeita da infidelidade, zelos.” (Aurélio, 2000)

Para finalizar, cremos que o ciúme é um sentimento de movimento, que tira o ser humano do seu comportamento habitual e o coloca numa situação de variar, do mesmo modo que varia quem está febril.

CAPÍTULO 3

RETÓRICA

3.1. A Retórica e seu espaço de atuação

Como a proposta deste trabalho é a realização de uma análise retórica, é imprescindível que apresentemos um breve histórico da Retórica, e que ainda apontemos seu trajeto até o século XXI, os dias atuais. Para isso, destacamos as contribuições do filósofo grego Aristóteles, que é o autor protagonista desse trabalho, mas também utilizamos os estudos de outros autores como Platão, Mosca, Meyer, Perelman & Tyteca.

Quando encetamos uma conversa, um discurso, defendemos um argumento ou elaboramos um contra-argumento, inserindo-nos em uma situação retórica. A Retórica é a arte do bem falar. É, pois, pelo ato retórico que o orador chega até o seu auditório. Nesse sentido, ao pensar na retórica, sempre temos de pensar no orador, interlocutor e no elemento retórico propriamente dito.

Como já dissemos, Aristóteles serviu de base teórica para esse texto, portanto vamos detalhar um pouco sobre a sua teoria retórica. É por meio dessa arte, considerada por Aristóteles também como: *techné*, pois implica cultivo, aplicação e estratégia (Mosca, 1997: 23), que se dão as relações humanas. Afinal, o ato de falar pauta-se em transmitir idéias e defender pontos de vista que levarão à sustentação ou à contrariedade da tese apresentada, ao seu auditório. A argumentação e as intenções de persuadir e convencer são caminhos para o estabelecimento das relações com os outros e com o mundo.

Aristóteles trabalha com a docência. Desde os grupos mais eruditos, aqueles que seriam seus discípulos, até grupos maiores e mais populares. A sua produção não se deu em formato de publicação, mas sim em anotações que serviam de sustentação para as suas aulas.

Dentro dessa produção, é no quinto grupo, formado por três livros, que falam da Poética e Retórica, que nos ativemos. Para Aristóteles, a Retórica e a Filosofia, ou seja, o falar e o pensar, eram artes equivalentes; daí justifica-se a importância dada a essas ciências.

A retórica é uma arte poderosa, pois é por meio dela que uma verdade torna-se verdade ou não. E é por causa da preocupação com a retórica, e ainda por receio de que se ela não fosse “regulamentada”, sua importância poderia se reduzir, que ele resolveu estabelecer leis e regras referentes a ela.

Platão e Aristóteles tinham conceitos bem diversos em relação à retórica. Para Platão a retórica é de cunho imoral, já que a mesma visa a enganar o seu auditório, utilizando-se de mentiras e argumentos que mexem com as paixões (classificadas como fraquezas para o autor). Segundo ele, o homem deve ter como princípio moral a razão, e nunca se deixar

3.2. Leitura e as estratégias retóricas

A Retórica pode e deve ser utilizada como um recurso importante para o processo do desenvolvimento da leitura. Estratégia retórica é a fala, ou seja, o uso do discurso persuasivo, usado como um provocador e desafiador nesse processo. Os argumentos são um instigador para o leitor. A leitura é o processo desenvolvido no indivíduo a fim de que ele possa tomar contato com os diferentes tipos de texto e ainda perceber que os mesmos apresentam-se em estruturas diferentes.

Estratégia retórica é o mesmo que falar sobre a importância de leitura. Ou seja, utilizar a retórica a fim de persuadir o leitor a ler, e dar importância significativa ao ato em si.

Para Sole (1998), modelo de leitura interativa é o modelo que fundamenta a importância da leitura perante o aluno. A partir dessa interatividade, desse envolvimento, que o indivíduo desperta para o mundo da leitura. O leitor passa a ter uma postura mais ativa e autônoma, deixando de ser um mero receptor do texto para ser sujeito e modificador do mesmo.

3.3. A variação retórica

Por outro lado, nem sempre a Retórica foi conceituada como a arte do bem falar e do bem fazer. Houve aqueles que preferiram utilizar-se dela a fim de pregar as trapaças e os enganos, ou seja, utilizá-la de forma pejorativa. Mas é com a vertente positiva de retórica e com a apresentação de suas virtudes como a arte de persuadir que pautamos nosso texto.

Consideramos que relações cotidianas estão baseadas numa parte significativa do seu tempo na comunicação, e conseqüentemente no ato da fala. Afirmamos que o argumento está imbricado nesse ato, afinal é o argumento que serve como base de sustentação para que a propagação de determinada idéia se estabeleça. É por meio da persuasão e também da argumentação que o processo dialógico se desenvolve. Quanto melhor o indivíduo conhecer o poder que as palavras apresentam e maior for a sua habilidade de convencimento, maior será a probabilidade de persuadir o outro de suas idéias.

Uma vez que as relações humanas estão presentes na maior parte do nosso tempo, a retórica faz parte da vida. Depende da escolha e do bom uso dos argumentos utilizados no discurso para convencer, bem como a forma de explicitá-los ao público, o grau de adesão do auditório. É muito importante que o *eu* esteja convencido, assim como a estratégia de persuasão escolhida para que se possa convencer o *tu*.

O auditório é aquele a quem será dirigido o discurso; pode ser homogêneo ou heterogêneo, mas suas particularidades devem sempre ser levadas em consideração pelo orador. Nos auditórios heterogêneos, há de se achar um ponto em comum entre os seus indivíduos e, assim, usar um discurso que valha ao coletivo, embora um mesmo auditório possa ser constituído por diversos grupos. Nesse caso, é necessário se atender a todos e repartir o mesmo discurso em diferentes estilos (remeta-se ao livro III), como podemos conferir em Perelman e Tyteca:

Perante uma assembléia, o orador pode tentar situar o auditório em seus marcos sociais. Perguntar-se-á se o auditório está incluído por inteiro num único grupo social ou se deve repartir seus ouvintes em grupos múltiplos ou, mesmo, opostos. Nesse caso, vários pontos de partida sempre são possíveis. De fato, pode-se dividir igualmente o auditório de acordo com grupos sociais – por exemplo, políticos, profissionais, religiosos – aos quais pertencem os indivíduos ou de acordo com valores aos quais aderem certos ouvintes. Essas divisões idéias não são independentes uma da outra; não obstante, podem levar à constituição de auditórios parciais muito diferentes. (Perelman, 1996: 29)

Portanto, para que haja uma argumentação eficaz é imprescindível que se conheça o auditório e ainda que se utilize o tipo de argumento que, com certeza, irá tocar determinado público.

Mas Perelman & Tyteca (1996) nos chamam a atenção para uma observação: a de que um homem apaixonado não está preocupado com o auditório (e para nós nem mesmo com o objeto de sua paixão), e sim consigo próprio. Logo, seu discurso é aquele que agrada a si próprio e não a outro, pois se encontra ensimesmado demais para conseguir preocupar-se com algo que lhe é alheio.

3.4. O ciúme na Retórica

A Retórica, segundo Reboul (2000), é “a arte de persuadir pelo discurso”. É a arte de argumentar. Ela visa a persuasão, visa levar alguém a crer em alguma coisa. É vista como a arte de argumentar pelo discurso até que o interlocutor pense sob o mesmo ponto de vista do orador. Na retórica, o outro é levado a crer no discurso despendido, não agindo e forma de forma coerciva, mas de acordo com o discurso, porque foi persuadido a mudar de ponto de

vista. Na retórica, razão e sentimento são inseparáveis, logo o discurso poderá começar na linha da razão, porém não poupará recursos sentimentais para convencer o outro.

Um facilitador para o discurso retórico é conhecer o público ao qual o discurso será dirigido. É muito importante saber “a quem se falará”. No caso, o enciumado leva uma grande vantagem, já que normalmente vem de convivência bem próxima com o objeto do ciúme. Ou seja, o discurso é dirigido a um sujeito cujas características já são, de certa forma, conhecidas pelo locutor.

A disciplina da retórica mostra que o ciumento cria uma situação que conduz o objeto de ciúme a ser o instrumento de representação das atitudes do ciumento. É por meio do uso do discurso retórico que o ciumento desencadeia sua imposição e posse sobre o objeto de seu ciúme. Mesmo sem ter consciência da Retórica, ele traça seu objetivo, que é persuadir e sensibilizar o outro.

A retórica está pautada na sintonia entre o orador e o auditório. Depende do quanto o orador recita aquilo que seu auditório espera ouvir, a aceitação por seu público. É por meio da emoção despertada no auditório que o orador vai movê-lo mais intensamente.

O elemento utilizado no ato retórico determina a função e a aceitabilidade do público sobre o discurso. Dependerá de sua utilização com maleabilidade e desenvoltura o sucesso de influência sobre o público escolhido. Na situação Retórica, o ciúme é utilizado para convencer o outro. É utilizando-se da retórica que o indivíduo ciumento se torna capaz de comover. O “auditório”, agora, é formado pelo ser “desejado”, e é ele quem será persuadido, portanto, é nele que está centrada toda a ação. Agora, é na escolha dos argumentos, e na sua capacidade de persuadir, que o outro será convencido a agir de determinada forma.

Para Perelman & Tyteca: “Para que uma argumentação se desenvolva, é preciso de fato, que aqueles a que ela se destina lhe prestem alguma atenção.” (Perelman & Tyteca, 2005: 20)

Segundo a Retórica, o orador deverá levar o interlocutor a “crer” naquilo que ele afirma. Há um convencimento persuasivo, e não uma coerção. O outro agirá de acordo com a sua crença, que foi provocada pela capacidade de indução do orador.

Os autores ainda afirmam que: “O conhecimento daqueles que se pretende conquistar é, pois, uma condição prévia de qualquer argumentação eficaz” (Perelman & Tyteca, 2005: 23)

Vimos que é muito importante que se conheça o objeto a quem será projetado o discurso, já que fará toda a diferença na hora da escolha dos argumentos. Dependerá da sensibilidade acionada o sucesso da escolha argumentativa, e essa sensibilidade será acionada a partir desse conhecimento.

3.5. Persuadir e convencer

A diversidade de auditórios cria a necessidade de variação de discurso. O ideal seria o desenvolvimento de técnicas argumentativas que atingissem a todo e qualquer tipo de auditório, porém essa heterogeneidade estabelece uma relação de diferença entre convencer e persuadir. Para Perelman “persuadir é mais que convencer, pois a convicção não passa da primeira fase que leva a ação. Para Rousseau, de nada adianta convencer uma criança se não se sabe persuadi-la”. (Perelman e Tyteca, 2005)

Podemos citar como exemplo o fumante, que é um exemplo tão presente na comunidade moderna. O fato de o fumante estar convencido que o cigarro é extremamente prejudicial à sua saúde não o consegue impedir de persistir no vício. Apesar de convencer-lhe por meio de dados estatísticos que comprovem os prejuízos do cigarro, isso não o persuade a parar de fumar. Ele está convencido, mas continua a consumir o cigarro como se de nada soubesse.

Talvez, no isolamento do contexto, o cigarro seja aquilo que tira o fumante da sua situação de *stress*, é o cigarro que lhe proporciona momentos de extremo relaxamento. Isso é o que Dumas (apud Perelman, 2005) chama de “transposição injustificada”, o indivíduo se contenta com as suas razões afetivas e pessoais.

Perelman (2005) propõe que se chame de persuasiva a uma argumentação que pretende valer só para um auditório particular e chamar de convincente àquela que deveria obter a adesão de todo ser racional. Porém, esclarece que a diferença entre razão e persuasão é muito imprecisa, já que estas mexem e remexem nos conceitos que permeiam a fronteira entre a inteligência e a vontade, entre a razão e a irracionalidade. A própria diferença entre auditórios é muito relativa e essa diferença apresenta variações de acordo com o orador, ao passo que uma pessoa pode agir de determinada forma e depois dizer que foi convencida a praticar a ação, embora não tenha concordado. No plano judicial temos exemplo de pessoas que afirmam terem cometido um crime porque foram convencidas a praticá-lo, embora não concordassem com a execução do mesmo. São comuns afirmações do tipo: “ordens são ordens”, “estou aqui para cumprir o que foi determinado” etc.

Nas canções analisadas ocorreram situações muito inusitadas, já que o indivíduo apaixonado, a custo de conseguir o que quer do objeto de ciúme, acaba por se confundir ao utilizar-se de argumentos convincentes, partindo para apelações nada racionais. Vemos abaixo:

que o meu coração tem amor demais,

*meu bem e essa é a razão do meu ciúme,
ciúme de você* (Luis Ayrão: *Ciúme de Você*, 1968)

Como se vê, o ciumento acaba por justificar suas atitudes por causa da grandiosidade de seu amor, mas na verdade isso não é uma justificativa aceita pelo outro. Ela só tem cabimento na configuração do pensamento que perdeu a razão, no caso o do ciumento.

Como o orador deverá sempre se centrar no auditório para poder realizar o ato retórico⁴ com maior desenvoltura (o momento do discurso), e já sabemos que é necessário que se conheça o auditório para que assim possa atingi-lo e tocá-lo com seu discurso. Considerando-se que mesmo um auditório com características aproximadas não será homogêneo, são necessárias destreza e habilidade para descobrir o ponto de intersecção entre seus participantes. Junte-se a essa intersecção a questão do contexto, que citamos anteriormente. É por esse caminho que o orador chegará até seu auditório de forma sutil e segura. É conhecendo aquele a quem se pretende conquistar, que a conquista tende a se concretizar. A utilização das regras retóricas estabelecidas por Aristóteles é o que garante o efeito de persuasão desejada.

Com o passar dos anos, o uso comum da palavra “retórica” foi adquirindo expressões como: “A hora não é de retórica”, “Chega de retórica” (Mosca, 1997), que são muito divergentes em relação às concepções de Aristóteles. Esse tipo de afirmação caiu no gosto popular e, com isso, fez com que a retórica ficasse popularmente conhecida como a arte de bem enganar. Por muito tempo, foi essa conceituação de retórica que se propagou socialmente, ocupando um lugar de pouco destaque na linguagem, restrita apenas aos estudiosos e especialistas de áreas afins.

Perelman (1996) traz a retórica para a modernidade e com isso retoma a importância da mesma na atualidade. Desbanca assim, o conceito que predominou por muitas décadas como o ato de enganar, com teor pejorativo: “Ele tem, ou pode ter boa retórica, mas a mim não engana”.

O ato retórico é um processo de movimento e não um ato estanque. É esse movimento de interação que permite ao orador fazer as adaptações necessárias ao discurso do momento, do contexto; Perelman conseguiu restabelecer o papel retórico na pós-modernidade; graças a

⁴ Ato retórico é uma tentativa intencional, criada e elaborada para superar os obstáculos numa dada situação, com uma audiência específica sobre determinada questão, para conseguir um determinado objetivo. (Campbell, 1982: 7)

ele que hoje em dia os estudos atuais da argumentação, na retórica, exploram principalmente a teoria dos atos de fala de Austin⁵ (1962).

Para que se estabeleça, portanto, a melhor estratégia do uso dessa arte retórica, a fim de que a persuasão seja eficaz, certa, é necessário que o orador seja equilibrado, tenha bom senso, sensibilidade, segurança e maleabilidade no seu processo discursivo. Muitas vezes é necessário alterar a idéia do discurso inicial a fim de se fazer as adaptações necessárias ao momento. Nesse movimento o orador pensa, aplica, repensa, retoma, conduz e reconduz o seu discurso para fazer acertos. É uma técnica que está em constante desenvolvimento e aprimoramento.

Uma observação a ser feita, é que, se antigamente, há alguns séculos, o orador falava para um auditório presente apto a receber o discurso, no século XXI, com o avanço das tecnologias, o orador acaba por atingir milhões de espectadores ao mesmo tempo; e esses ainda contam com a possibilidade de rever, quantas vezes decidirem, o mesmo discurso. Com isso, tem-se a possibilidade de avaliar e criticar infinitamente. O conjunto de virtudes do bom orador, portanto, deve estar em perfeita condição no ato do discurso retórico.

Para Mosca (1997), o ponto fundamental da retórica aristotélica é ela permanecer no campo dos conhecimentos prováveis e não das certezas e evidências, os quais caberiam aos raciocínios científicos e lógicos. A sua abrangência é, no campo da crença, controvérsia, opinião. Para Aristóteles os três campos: *elocução*, *inventio* e *dispositio* – que são respectivamente: expressão, temática e arranjo das partes – merecem o mesmo destaque e exercício dentro da retórica. Afinal a retórica é ao mesmo tempo “uma técnica de argumentação e de uma habilidade na escolha dos meios para executá-la”.

Com essa teoria, Aristóteles permanece muito atual dentro da perspectiva retórica, já que sua teoria contém elementos muito próximos dos desdobramentos neo-retóricos que tratam da *Teoria da argumentação*, que se pauta na relação social, política, econômica; ou seja, no mundo da opinião, da *doxa*, da *persuasão*, do *convencimento*. Ao estabelecer a retórica na base persuasiva e não da verdade, Aristóteles manteve a atualidade na retórica.

Vejamos no tratado da Argumentação de Perelman & Tyteca a presença da teoria aristotélica do discurso convincente:

O objetivo de toda argumentação, já o dissemos, é provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se apresentam a seu assentimento: uma argumentação eficaz é a que consegue aumentar a intensidade da adesão,

⁵ Cf. AUSTIN, Maria Pessoa. in revista em (Dis)Curso.

de forma que desencadeie nos ouvintes a ação pretendida (ação pretendida ou abstenção) ou, pelo menos, crie neles uma disposição para a ação, que se manifestará no momento oportuno. (Mosca, 1997: 22)

Sistematizando a teoria da retórica para Aristóteles e Perelman, “a retórica é o discurso persuasivo, e não existe discurso sem auditório”. O discurso persuasivo é aquele “que age sobre os outros por meio do *logos*, envolve a disposição que os ouvintes conferem aos que falam *ethos*, e a reação a ser desencadeada nos que ouvem *pathos*.”

Os argumentos são escolhidos e devem ser pautados dentro da pertinência do objetivo, ou seja, sua escolha será de acordo com a situação em que se encontra o orador, o auditório a quem será apresentado, o tempo que será destinado ao discurso e ao tipo de reação esperada.

Numa canção de MPB, o orador (no caso o ciumento) espera que o seu auditório, (nesse caso, o objeto de ciúme) mude de atitude para que ele não se sinta mais ameaçado pela presença do outro. Justifica que só querendo tanto o bem, alguém poderia impor determinado comportamento a outrem. Vejamos na canção *Os Outros*, de Leoni (1985):

*Ninguém pode acreditar
Na gente separado,
Eu tenho mil amigos
Mas você foi o meu melhor namorado.*

A força do argumento reside na defesa de que “já estava determinado que você seria meu para sempre, e se as outras pessoas não conseguem acreditar que você partiu, imagine eu. Eu não aceito essa separação. É como se a separação contrariasse o curso natural da vida.”

3.6. Argumento e metáfora

Os homens são bastante artificiais para fingir a perturbação e a paixão enquanto estão somente animados pelo desejo, e, em geral, ninguém acredita que eles o façam. Pode acontecer também de que aquele a quem tu inspiras o amor não seja aquele por quem querias ser tomada, e tudo o que ele te diz, não te toca. (...) Porém, é mais vantajoso [para um homem] até mesmo mais razoável, falar do eu obstinar-se em se calar. Tu te arriskas a perder, pelo

*silêncio, o prazer de te saberes amado; se não podes obter a resposta que
queres, tu te curarás de uma paixão inútil que nunca será senão a sua
infelicidade. (Crébillon Fils,2006:51)*

A metáfora, como não podia deixar de ser, está presente na canção. Ela representa em palavra o que a canção exprime em sentimento. É por meio da música, esse fenômeno da representação cultural popular, que a metáfora aparece em uma de suas formas mais expansiva e argumentativa. Antes de conceituar a metáfora oficialmente, tomamos emprestado de um compositor essa canção que foi criada para definir a metáfora:

METÁFORA (1981)

Gilberto Gil

“Uma lata existe para conter algo

Mas quando o poeta diz: “Lata”

Pode estar querendo dizer o incontível

Uma meta existe para ser um alvo

Mas quando o poeta diz: “Meta”

Pode estar querendo dizer o inatingível

Por isso, não se meta a exigir do poeta

Que determine o conteúdo em sua lata

Na lata do poeta tudo nada cabe

Pois ao poeta cabe fazer

Com que na lata venha caber

O incabível

Deixe a meta do poeta, não discuta

Deixe a sua meta fora da disputa

Meta dentro e fora, lata absoluta

Deixe-a simplesmente metáfora.”

Assim, o poeta tem licença para usar e abusar da metáfora. Ao se utilizar dela como parte de seu texto, esta figura de recurso poético faz dele o portador da sua voz e significância. E nesse momento, ele utiliza seu talento para dizer o que é preciso.

A metáfora, por vezes, é classificada como uma figura de linguagem que possui variadas faces, e que a cada contexto reveste-se de uma função. Mas em outros casos, ainda é vista como uma simples figura de ornamento. Por vezes, a sua função restringe-se a diferenciar uma enunciação de outra. Ela é vista como a figura que serve simplesmente para incrementar, ou dizer com maior rodeio, o mesmo a ser dito, vista apenas como parte figurativa da linguagem sem necessariamente responsabilizar-se por atitudes e pensamentos dos seus usuários. Ou seja, aparece como um acessório que serve apenas para enfeitar e constituir variações na linguagem.

Faremos uma conceituação de metáfora, mas nossa ênfase maior se dará na metáfora como argumento, nos seus diferentes campos de atuação, sua variedade de funções e ainda sua participação na argumentação e cotidianidade.

Temos como base teórica dos nossos conceitos os autores Lakoff & Jhonson (2002) e ainda nos baseamos nos textos de outros autores para ampliar e conceituar esse grande poder de expressão e argumentação, capaz de fazer o interlocutor mudar de idéia, ou deixar-se persuadir pelo locutor, chegando a virar defensor das idéias apresentadas pelo outro.

Para Lakoff & Jhonson (2002) a metáfora não só extrapola a linguagem, mas faz parte dos pensamentos e influencia as atitudes dos usuários da língua, como podemos ver a seguir:

Nós descobrimos ao contrário, que a metáfora está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação. Nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual não só pensamos mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza. (2002: 45)

No dia a dia, os conceitos que temos e fazemos do mundo não ficam apenas no plano do pensar, mas transformam-se em atitudes; são esses conceitos que agem e interagem diretamente no comportamento do indivíduo. Assim, é por meio dessa conceituação que agimos de determinada maneira. Para Lakoff & Jhonson (2002), se “é este sistema conceptual em grande parte metafórico, é a metáfora que dita em grande parte o comportamento”.

Lakoff & Jhonson (2002) redefiniram a metáfora a partir de uma abordagem sistemática e estruturada. Situam a metáfora no nível conceptual, deixando concebê-la como uma figura de linguagem para compreendê-la como uma figura de pensamento, um processo por meio do qual experiências são elaboradas cognitivamente, com base em outras já existentes no nível conceitual.

Para esses autores, a metáfora não só extrapola a linguagem, mas faz parte dos pensamentos, influenciando assim as atitudes dos usuários da língua e participando diretamente das ações individuais.

Lakoff & Jhonson (2002) e Lakoff (1986; 1993) rompem com a visão tradicional de metáfora, na qual a mesma era considerada uma figura de linguagem sem valor cognitivo. Esse conceito tradicional de metáfora, com origem na visão aristotélica, constitui-se um recurso lingüístico com motivação fundamentalmente poética ou retórica.

Portanto, os autores definitivamente descartam a definição enquadrada de metáfora, exterminam a classificação que diz que ela se refere apenas quando representa o uso conotativo, literário, emotivo ou até mesmo subjetivo. Apresentam a metáfora como parte da vida real do falante.

Por causa dessa “automaticidade”, nós não percebemos a constituição desse sistema conceitual, mas sabemos que este se dá por meio da nossa linha de conduta, da nossa conceitualização, adquirida pelo conhecimento de mundo e concretizada pelo conceito de mundo.

A metáfora está tão presente na vida, que já virou parte espontânea dela. Vejamos no exemplo a seguir. Usaremos o exemplo de Lakoff & Jhonson, que ilustram a “discussão como guerra”. Os autores comparam e definem: “discussão é guerra”. Listam elementos como violência verbal, conflito, ganhador, perdedor, desgaste e vitória. Ilustram, com exemplo de uma cultura, onde “discussão seria o mesmo que dança”, e mostram que, para nós, o que o povo dessa outra cultura faz seria algo diferente, muito longe do que seria “discussão” para nós. Temos a representação cultural interagindo diretamente no campo metafórico.

Vejamos um exemplo, na canção de Rita Lee, *Desculpe o Auê* (1986):

Desculpe o auê, eu não queria magoar você.

A palavra “auê” pode significar briga, escândalo, (evento coletivo), ou simplesmente ter como significado um ciúme particular, um olhar áspero, duro (particular). Dependerá do casal em que o acontecimento estiver localizado. E é dessa diferença de conceitualização que estamos falando. Portanto a cultura e a formação pré-estabelecida de conceito é que diferenciarão o conteúdo.

Assim, não é a palavra discussão que é metafórica, mas a idéia conceitual que ela traz dentro de determinada cultura. Afinal, “discussão” na cultura brasileira carrega uma lista de conceitos que podem ser bem diversos de “discussão” em outra cultura.

Como escrevem os autores Lakoff e Jhonson:

A afirmação mais importante que fizemos até aqui é que a metáfora não é somente uma questão de linguagem, isto é, de meras palavras. Argumentaremos que pelo contrário, os processos de pensamento são em grande parte metafóricos. (2002: 48)

A metáfora está no cerne do pensamento do indivíduo. Ela está intrinsecamente representada no nosso comportamento, assim como a ação está ligada ao nosso pensamento.

Um ponto que vale citar é que essa visão conceptual está tão absorvida e concreta na atitude e no pensamento que peca ao deixar que outras interpretações apareçam dentro de um mesmo conceito, como por exemplo: se alguém se presta a discutir com o outro é porque esse lhe dedica tempo e importância, se “doa para esse evento”, embora esse foco infelizmente passe despercebido; devido à automação conceitual, a “atitude de atenção” fica muitas vezes na banalidade. Então, percebemos apenas o lado pré-estabelecido da conceitualização e não deixamos espaço para um outro olhar: o olhar da doação, da dedicação de desprendimento de tempo.

O argumento é a forma que o ser humano encontrou para estabelecer relação com o outro, e não para simples comunicação, mas sim para conduzir seu oponente ao seu ponto de vista. É por meio do argumento que o indivíduo retrata e defende o seu mundo, a sua idéia.

Argumentar é uma arte. É a arte de convencer e persuadir. Convencemos no plano da razão e persuadimos no plano da emoção. Assim é a metáfora, o argumento propriamente dito, onde todos os planos se entrelaçam e se completam. Essa ligação é muito forte, como veremos: “Mas toda concepção que não lança luz sobre a importância da metáfora na argumentação não pode satisfazer-nos.” (Perelman & Tyteca: 453)

Argumentar deve ser sempre atitude de conciliação, de vencimento, de convencimento, de vencer o outro pela apresentação de motivos “melhores” e mais contundentes do que outrem. Jamais deve ser confundido com obrigação ou imposição. Para a arte de argumentar, o ser humano deve ser sutilmente convencido a mudar de opinião sem grandes tropeços ou qualquer sensação de contrariedade ou violência. É por meio de muita sutileza que o outro se deixará envolver.

O ato de argumentar não é ganhar o outro na discussão, não é forçando-o a pensar igual o “eu” que o “tu” se deixará persuadir. Diferentemente do que se propaga, argumentar é tomar o outro e conduzi-lo a não só acreditar no seu discurso, mas mais do que isso: é condicionar, reconduzir o outro pelo seu percurso de pensar.

A persuasão, elemento intrínseco à argumentação, deve acontecer de tal maneira que o interlocutor desloca-se para a função de locutor do discurso, defensor das suas idéias, àquelas mesmas que a princípio contestava fervorosamente ou simplesmente colocava-se à margem.

É claro que para ter essa abertura ou facilidade, o locutor sempre necessitará de ter conhecimento sobre quem vai compartilhar suas idéias, “conhecer aquele a quem se pretende conquistar, um tipo de fala para cada tipo de auditório”. (Perelman & Tyteca, 2002: 23). Logo, será a partir desse conhecimento, do seu auditório, que ele receberá o afiançamento para conseguir se fazer ouvir, e só depois desse percurso, iniciar seu discurso. Afinal, alguém que não se pode fazer ouvir, muito menos terá a chance de convencer; primeiro o show precisa ser assistido, para depois receber as críticas.

A aproximação, a identificação e o respeito sempre devem constituir o ato da argumentação. É necessário despertar a segurança do outro em você para iniciar-se o processo de persuasão. O outro precisa sentir-se como companheiro e não como rival do orador. E é a partir dessa confiança que se iniciará o processo persuasivo.

Sempre será atento aquele interlocutor que sentir segurança e respeitabilidade por parte do locutor; a partir dessa relação de cumplicidade começa a ser criado o clima de convencimento.

O argumento também está pautado em ouvir e olhar para o outro como alguém importante, na sensibilidade de entender suas necessidades, desejos e fantasias. É por meio desse ser tão agradável e educado que o sujeito interlocutor sentir-se-á seguro a ponto de deixar-se levar pelas idéias e posições alheias, sem se sentir contrariado, tendo a certeza de que fez a opção certa e inteligente, sem nenhum sentimento de ressentimento e desagrado.

Ao final da conversa ou da explanação de um novo ponto, o indivíduo se sentirá um ser melhor e mais esclarecido do que era no início da conversa. Deve sentir-se realizado e feliz por ter conseguido dar “um outro olhar” a uma situação previamente definida e encerrada, ou seja, a um pensamento tão fechado previamente, e aparentemente sem possibilidade de mudança.

Argumentar é saber conduzir o outro a refletir por um prisma diferente, tendo a certeza que a decisão de mudança significará melhora e crescimento ao ser humano. Nesse diálogo não deve haver lugar para ofensa, humilhações ou situações embaraçosas; são necessários muito tato e persuasão, como vemos na canção de Cazuza *Faz parte do meu show*, (1988):

*se eu te escondo a verdade, baby,
é pra te proteger da solidão,*

faz parte do meu show

“Se te escondo a verdade” em lugar de “se eu minto”, “é pra te proteger da solidão” no lugar de “você com certeza romperá comigo”; as metáforas e os argumentos estão muito presentes na MPB.

Um outro exemplo: um ponto que nos chama bastante atenção é o argumento utilizado que gera confusão, como citamos, a título de exemplo, na canção da Rita Lee e Roberto de Carvalho, Desculpe o Auê, (1983):

guerrilhas motim perdi a cabeça.

Ou ainda, na canção “Ronda” de Paulo Vanzolini (1976):

cena de sangue no bar da avenida São João

O ciumento age de forma desequilibrada e tem consciência que causou muito transtorno na relação com o parceiro, porém, o ciúme sempre serve como uma desculpa que justifica a atitude. No último verso a cena de sangue que se refere a um crime passional é vista como algo aceitável, já que o ciumento só agiu assim por sofrer tamanha dor.

A análise pauta-se pelo levantamento das paixões presentes na MPB, da situação retórica, do uso do argumento. A partir desse levantamento são analisadas as representações das paixões dentro das canções de MPB. A metáfora nos ajuda a desvendar o caminho percorrido pelo ciumento, a fim de mostrar e explicitar seu sentimento. É por meio dela que o ciumento expressará sua dor e seu pedido de desculpas. Percebemos o quanto é confuso o ato do ciumento, os sentimentos se misturam e não impõem limites às atitudes.

Quanto mais se fala do próprio ciúme, mais os lugares que desagradam aparecem de todos os lados; as menores circunstâncias os mudam, e fazem sempre descobrir algo de novo. Essas novidades fazem rever sob outros aspectos o que se acreditava ter visto e pesado suficiente; tenta-se apegar a uma opinião e não se apega a nada; tudo o que é mais oposto e está mais apagado se apresenta a um só tempo; quer-se odiar e quer-se amar, mas se ama ainda quando se odeia, e se odeia ainda quando se ama; acredita-se em tudo, e duvida-se de tudo; tem-se vergonha e despeito por ter acreditado e

duvidado; trabalha-se incessantemente para deter apropriada opinião, e nunca ela é conduzida para um lugar fixo. [...] Não se é feliz o bastante para ousar crer no que se deseja, nem mesmo feliz o bastante t

CAPÍTULO 4

ANÁLISE RETÓRICA DAS CANÇÕES

4.1. As paixões presentes na MPB

Falar do amor é comprometer-se com uma rede de significações. Nesse sentido, ele é um terreno movediço. Nada mais evanescente do que o sentido do amor. Sucumbir ao seu bem e mal-estar é deixar vir à tona tudo aquilo que ele denuncia do sujeito. Nos arrebatamento samorosos, o sofrimento e o gozo conjugam-se num tempo sem precisão, porque as identidades esfumaçam-se e tornam-se “quem é quem”?- “se olhar para ti, estou olhando para mim mesmo, fim da procura”. (Rossi,2006:25)

As paixões fazem parte da vida e a música é o combustível da alma, logo, MPB (música popular brasileira) é um meio de representação das paixões. O homem é tomado pelo desejo de escrever quando está apaixonado, e é nos momentos de maior dor e desamor que os melhores e mais rebuscados versos são compostos. A canção popular tem nos mostrado na essência essa relação íntima das paixões mais variadas e complexas. Às vezes, tais paixões aparecem individualizadas, como é o caso da canção “Olhos nos olhos”, de Chico Buarque de Holanda (1976). Observemos:

*Olho nos olhos quero ver o que você faz
Ao sentir que sem você eu passo bem demais*

Para sistematizar a aproximação entre como ela é individualizada escolhemos as canções que têm como fio condutor o ciúme. Ao passarmos pela seleção do material de análise, optamos pela década de 70, pois é nesse período que a MPB se consolida como representação do sentimento popular, tendo em vista que foram os festivais de 60 que popularizaram a MPB.

A canção popular desafia aqueles que a querem decifrar. Comprometer-se em analisar e traduzir seus pedaços sonoros e verbais é toma-la como

*objeto. Tamanho intenso este de querer faze-la material de nossos estudos!
Nela,nós é que somos capturados como objetos. (Rossi:2006, 24)*

4.2 As categorias

Para efetuarmos a nossa análise, buscamos no arcabouço teórico da Retórica Clássica as categorias que nos apontassem de que forma a canção enquadra-se numa situação retórica em que, a partir de um desacordo entre os interlocutores, busca-se a persuasão e adesão à opinião por meio dos recursos argumentativos. Passemos a elencar quais são essas categorias:

1. A SITUAÇÃO RETÓRICA: é o desejo de influência sobre determinada situação, é o processo de intervenção do retor. No nosso estudo, a situação específica é a situação de ciúme. É a situação interpretada a partir do cenário criado pelo ciumento. Nesse caso, a canção que apresenta a cena de ciúme é a nossa situação retórica.

A situação retórica é uma construção simbólica da realidade, um composto de realidade objetiva mais a interpretação de quem as vivencia. Um complexo de pessoas, eventos, objetos e relações que apresentam uma instância que pode ser atendida completa ou parcialmente, se um certo tipo de discurso – introduzido na situação – for capaz de influenciar o pensamento ou a ação de uma audiência, de maneira a acarretar uma modificação positiva da instância. (Bitzer, 1980: 24)

2. A INSTÂNCIA RETÓRICA: é uma imperfeição marcada por um certo grau de urgência... um obstáculo... algo a ser corrigido.
A situação retórica, para o ciumento, pode ser por exemplo, quando o indivíduo enciumado acha que a pessoa, objeto de ciúme, deveria estar a seu lado, mas não está. Então, ele vai interferir para que a situação modifique. Nesse caso, o obstáculo a ser corrigido é o desencontro.
3. O TEMA DO TEXTO: no nosso caso de análise, é o ciúme. A dor de alguém que se sente preterido.

4. OS ANTECEDENTES DA SITUAÇÃO RETÓRICA: serão buscados por meio do contexto da canção é possível levantar alguns indícios que nos revelam os fatos anteriores ao desacordo.
5. A TESE: A questão se coloca em termos particulares e concretos, ou seja, ao ponto de vista do ciumento.
6. O AUDITÓRIO: O auditório pode ser particular ou coletivo. Na Retórica Clássica, o interlocutor era designado como auditório; tínhamos o auditório coletivo, quando o grupo pertencia a um mesmo grupo social; também definiu-se como auditório coletivo aquele cujo público era constituído por pessoas advindas de diferentes grupos sociais.
7. AS LIMITAÇÕES IMPOSTAS: a dificuldade de alcançar a busca desejada, aquilo que se espera alcançar e suprir os obstáculos.
8. O ELEMENTO QUE DESENCADEIA A SITUAÇÃO RETÓRICA: é o elemento precursor do desacordo; nesse caso o ciúme.
9. O ATO RETÓRICO: é a intenção de intervenção na situação retórica propriamente dita. É a ação de tentativa de mudança da situação atual.

Conjuntamente a elas, localizamos também as paixões greimassianas, alertando, como já havíamos mencionado, que para Greimas (1998), o ciúme é classificado como paixão.

4.3 Canção 1.

RONDA (1978)

Paulo Vanzolini

“De noite eu rondo a cidade,
 A te procurar sem encontrar.
 No meio de olhares espio, em todos os bares
 Você não está.
 Volto pra casa abatida, desencantada da vida,
 O sonho alegria me dá nele você está.
 Ah, se eu tivesse, quem bem me quisesse,
 Esse alguém me diria
 Desiste, essa busca é inútil, e eu não desistia.
 Porém, com perfeita paciência volto a te buscar.
 Hei de encontrar,
 Bebendo com outras mulheres, rolando dadinho
 Jogando bilhar,
 E nesse dia então, vai dar na primeira edição,
 Cena de sangue no bar da Avenida São João”

Na proposição que inicia a música, trazemos uma série de sentidos possíveis para a constituição do vocábulo “noite”, nesse contexto que a situação retórica acontece. Recorrendo ao nosso conhecimento prévio, sabemos que em diversos discursos, “noite” é sinônimo de boemia, lazer, amantes, o que por si só já possibilita a desconfiança, que por sua vez impulsiona o ciúme.

A situação retórica: é noite e o objeto de ciúme não está com o eu-lírico. Há necessidade, por parte do ciumento, de mudar um fato, no caso a ausência. O problema retórico é a própria formação do ethos da ciumenta. Anoteceu e ela está só, na nossa

sociedade o marido que sai para trabalhar e permanece ausente durante todo o dia, volta para casa ao anoitecer. Portanto, ela, a mulher, fica a esperar pela volta dele. Quando a noite chega o homem também deve chegar. Mas nesse dia, veio a noite, e com ela, a solidão da ciumenta; portanto, ela tem uma insatisfação iniciada.

A atitude da ciumenta será a de buscar seu homem na cidade, por isso ela vai rondar o espaço urbano até encontra-lo. O conhecimento lingüístico retoma a interpretação da palavra “ronda”; ela não representa uma busca simples de alguém que procura outrem num determinado lugar, mas sim conceitua que ela dá voltas ininterruptas em todos os lugares, e apresentado o contexto social, a busca tem toda razão de ser.

No segundo verso temos: “A te procurar sem encontrar”; o “a te” nos permite saber que o sujeito não fala para um público coletivo, e sim individual. O seu alvo de discurso é o objeto. O ciumento tem uma aparente intenção de não dialogar com o outro, mas o discurso proferido é intencionalmente todo voltado para o próprio objeto de paixão.

Já no terceiro verso: “No meio de olhares espio em todos os bares você não está”, há uma representação do “temor”: o objeto será encontrado numa situação negativa. O ciumento tem uma hipótese inicial que o seu amado estava se divertindo, enquanto o eu-lírico sofre; porém, essa hipótese não se confirma, o outro não foi encontrado. A expressão “no meio” indica que há muita gente na rua, no bar, e o objeto procurado pode estar lá. Essa possibilidade é real. Ao dizer “volto para casa abatida, desencantada da vida”, o argumento sustenta que a busca foi um desgaste físico e emocional, abatido e desencantado. Temos a presença da dor representado na paixão.

Em “o sonho alegria me dá, nele você está”, temos a presença da metáfora “sonho igual realidade” implicitamente temos a idéia: se você estivesse comigo, a vida seria só de alegrias, pois só existe alegria quando você está a meu lado. Desejo pelo outro, representação do apego, do amor.

No verso “Ah, se eu tivesse quem bem me quisesse”, a interjeição “ah” é quase um grito de lamento, contrariedade, um indagar: por que você não me atende? A situação mostra o desejo de posse na sua dimensão pragmática, greimassiana; “tivesse” está por dizer “ser seu dono”. A palavra “bem”, de acordo com Greimas, é a paixão representada por meio da inveja. O outro possui amigos que o eu-lírico não tem. Inveja da posse alheia, desejo de gozar do prazer que o outro desfruta. O rival aqui é representado pelo resto do mundo, portanto é um rival forte e poderoso. A busca do objeto de ciúme por outra fonte de prazer é a causa do mal-estar e da dor sentida pelo ciumento.

Para Aristóteles “a inveja é um pirar sobre a outra pessoa. Porque o outro possui o que não deveria possuir.” (Aristóteles, 2002)

O “bem” pode representar ainda uma idéia de “um querer bem, um amor”, ou “a falta da paixão, do amor, uma ausência”. Após o ciumento constatar que o objeto de ciúme não o ama ele reclama da falta desse amor.

No verso seguinte, “esse alguém me diria”, a presença do pronome indeterminado carrega um peso lingüístico no significado, que diz “qualquer um”, ou seja, qualquer pessoa, mesmo que não tenha relação com o ciumento, se dispõe a dar-lhe atenção. E essa representação desencadeia uma crise de ciúme profunda.

Constatamos aí uma justificativa para o comportamento desvairado do eu-lírico: a falta de atenção do seu objeto para consigo foi o elemento que desencadeou todo esse comportamento e essa dor.

O verso “desiste, essa busca é inútil, eu não desistia” é uma mostra que se o eu-lírico possuísse amigos ou pessoas que o quisessem bem, ele continuaria a sua busca. Nada, nem mesmo se esse sentimento de inveja fosse concretizado, de possuir o bem alheio, nem assim ele ficaria aliviado dessa dor.

A razão platônica, representada na voz de outra pessoa, pediria para que o ciumento desistisse da busca, mas ele, tomado de emoção (tanto aristotélica como greimassiana) não ouviria. Não agiria da forma indicada e continuaria numa busca incessante, e que só terminaria com o seu encontro.

“Porém” representa que a situação de sofrimento continua. Esse termo recarrega na adversidade. Dentro de toda a situação ruim e cansativa a busca continua e ele continua “com perfeita paciência”; é o *ethos* de uma pessoa paciente, afinal apresenta-se equilibrado, mesmo passando por essa situação. É ao mesmo tempo uma praticidade que o faz renascer, continuando a busca. Logo, a “busca”, como uma atitude permanente, representa o medo de cair no esquecimento, de ser reduzido a nada. É a presença da paixão sombra, sentimento de desconfiança, o temor de ser eclipsado. O ciumento está desequilibrado, já perdeu a noção do comportamento dentro do padrão social e, também representa o “zelo” que é o vivo ardor em servir a uma causa, nesse caso a busca.

No período seguinte temos “com perfeita paciência hei de encontrar”: é a insistência de vitória, de concretizar a busca. Na continuidade: “bebendo com outras mulheres, rolando dadinho, jogando bilhar” é uma situação explícita de ciúme, no seu conceito negativo, por outro lado, como já dissemos, há autores que conceituam o ciúme como um sentimento positivo de gostar. A possibilidade de o objeto proporcionar prazer para outro que não seja

ele próprio deixa o enciumado desajustado, enfurecido. A sensação de bem estar deve ser desfrutada apenas pelo ciumento; qualquer possibilidade de divisão dessa sensação traz o sentimento de temor. Aqui, a cólera começa a concretizar-se e dá margem ao sentimento de vingança.

“Rolando dadinho, jogando bilhar”: podemos inferir uma possibilidade de pensamento metafórico, para dizer que o objeto de ciúme está relaxado e que gasta o seu tempo com bobagens e diversão, enquanto o eu-lírico está para morrer ou matar de tanta dor e ciúme.

Finalizando, a letra diz “E nesse dia então, vai dar na primeira edição” – o ciumento aparece aqui, como um ser de características egocêntricas, pois a notícia será apresentada na primeira edição do jornal, será uma notícia de destaque. a grande notícia, o acontecimento histórico.

Há uma intenção de diminuir a intenção da atitude de matar, porque a situação retórica fez um caminho de justificativas. É uma afirmação de que qualquer outro ser humano que ocupasse seu lugar teria cometido um crime passionais pois, para o eu-lírico, a “cena de sangue num bar da Avenida São João” não é ruim, e sim permanece no curso natural das coisas, como consequência de um conflito.

A constituição do ethos da ciumenta conduz a canção para um final muito possível, e a partir da sua habilidade de persuasão, ela- o eu-lírico- consegue justificar a sua atitude. É importante ressaltar que o seu discurso serve de ameaça para o objeto ciumento, já que esse tipo de notícia é divulgada cotidianamente nos jornais, portanto é muito comum de ocorrer.

Inicialmente, podemos dizer que a ação não tem explicação: se fosse um julgamento, preferiríamos a sentença de culpado ao réu: ciumento. Mas é excepcional o uso do argumento e da escala retórica, pois nesse contexto, se não fosse para absolvermos o ciumento, no mínimo ficaríamos muito solidários com a sua atitude.

Sabemos que nosso estudo não se baseia em julgamento

“Quando você me deixou meu bem,
 Me disse pra ser feliz
 E passar bem,
 Quis morrer de ciúme, quase enlouqueci
 Mas depois como era de costume, obedeci
 Quando você me quiser rever
 Já vai me encontrar refeita, pode crer
 Olho nos olhos quero ver o que você faz
 Ao sentir que sem você eu passo bem demais
 E que venho até remoçando,
 Me pego cantando sem mais nem porquê
 Tantas águas rolaram
 Quantos homens me amaram
 Bem mais e melhor que você
 Quando talvez precisar de mim
 Cê sabe que a casa é sempre sua, venha sim
 Olhos nos olhos
 Quero ver o que você diz
 Quero ver como suporta me ver tão feliz.”

Na canção temos a formação do ethos como um ser que sempre passa por uma situação de humilhação sob o ponto de vista da ciumenta. Ela é vítima de uma situação de sofrimento. A canção “Olhos nos olhos” apresenta uma situação retórica, para a ciumenta, de desenlace amoroso com característica de separação e de volta do objeto de ciúme. O objeto de ciúme a abandona e ela recebe num convite à ironia um desejo de felicidades.

O início apresenta a palavra “quando”, que faz uma referência direta ao tempo, o momento exato da situação. Há uma necessidade de marcar no tempo cronológico o início de tudo. O fato aparece na sua vida como se fosse uma surpresa, é como se o temor, que é o sentimento de medo do que vai acontecer, não tivesse cumprido seu percurso natural e a situação tivesse se desencadeado de uma hora para outra, trazendo consigo a dor do amor não correspondido. Nesse caso, o tema retórico é a separação, e os antecedentes retóricos localizam a situação de desprezo do objeto de ciúme para com a enciumada.

No uso de “você me deixou meu bem”, é enfatizado que a responsabilidade pela desavença e dor é somente o objeto de ciúme. Podemos dizer que o ciumento é um ser

passivo nessa relação, pois quem toma a atitude de deixar, e depois de voltar, é o objeto de ciúme. Ao dizer “meu bem” representa a posse e o amor. “Você é o meu bem” e tem a função de ficar ao “meu” lado.

No excerto “me disse para ser feliz e passar bem” o ciumento usa essa frase para representar a ironia que sofreu por seu objeto de ciúme, afinal ele apresenta o problema retórico como se já estivesse resolvido. É como se a situação pudesse ser resolvida assim, sem maiores dores. Esse desejo de felicidade proferido pelo objeto dá uma idéia de “silenciamento”: a situação não vai mudar, independente de seus pedidos .

Seguindo, temos “Quis morrer de ciúme, quase enlouqueci” – expresso como um desejo de dor e de ciúme, dor de rejeição e ao mesmo tempo de temor. O medo da perda é manifestado muito antes da ação ser concretizada. Em “morrer de ciúme, quase enlouqueci”, temos uma possibilidade de metáfora que diz: “sofri tanto de ciúme que pensei que a morte fosse a sua única saída”. Mas sabemos que as pessoas não morrem de ciúme e nem da dor que este possa promover. Conforme ela, o eu-lírico, conduz o discurso, utiliza os artifícios retóricos da argumentação para tentar traduzir o quanto é grande a dor. No lugar retórico de quantidade e qualidade, a dor tem a sua excelência. Na expressão “quase enlouqueci”, temos a presença da indignação, que é um sentimento de contrariedade diante da própria sorte. O ciumento está indignado, desesperado e desequilibrado.

“Mas depois, como era de costume, obedeci” temos a presença da contradição. Pudemos ver que já era uma situação prevista: primeiro vem o desequilíbrio e depois surge a calma. É um ciclo natural que se cumpre mais uma vez, portanto nada é novo nessa relação. Uma outra possibilidade de interpretação é salientar que essa expressão pode demonstrar a submissão do ciumento em relação ao objeto de ciúme. Como sempre ela obedecia, agora continuaria a obedecer; esta é a relação de subserviência vivida pelo ciumento. Primeiro sofre e quase morre, “pira” : é a situação explícita de ciúme; depois, tudo passa e vem a calma, que é a aceitação e o acato da atitude alheia. Temos a indicação de uma situação corriqueira, o costume nos remete ao “sempre assim”, como uma rotina.

Nos versos “Quando você me quiser rever”, o “quando” aparece de novamente, só que agora com um desejo de acelerar o tempo. A confiança surge com a certeza de que tudo ficará como o esperado. Essa paixão segue agora o seu percurso natural; passado o temor, veio a confiança. Há certeza de que o objeto voltará para revê-lo.

As questões continuam a ser irônicas: o fato do objeto de ciúme ter sido irônico na despedida, desencadeia a ironia do ciumento, e este numa atitude de vingança, continua a usar esse recurso durante todo o texto, o que nos dá margem para uma dupla interpretação.

Na afirmação “Já vai me encontrar refeita, pode crer”, o tempo presente representado confirma que o ciumento passou por muita dor e que logo estará refeito. Há a afirmação que nos remete à idéia de que este, ficou desfeito em algum momento, ainda que haja o desejo de que o objeto tenha confiança e acredite em sua força de restabelecimento. O desejo de possuir o objeto novamente justifica a espera do ciumento. Ou ainda, pode se dizer que ele afirma: “Mesmo que você tenha me feito tudo isso, a minha vida continua, e continua bem”.

A canção prossegue com “Olho nos olhos, quero ver o que você faz”, temos de novo a confiança ao apresentar a certeza de que irá olhá-la nos olhos novamente. Sabemos que para que isso aconteça, é necessário que haja novo encontro.

Na palavra “quero” há um final de certeza e um início de desejo se formando: espera-se que o objeto de ciúme sinta-se indignado com a melhora do ciumento. Neste trecho, localizamos a situação retórica: é o momento de intervenção do retor, desejo de mudar algo. O desacordo está presente. O ciumento transmite para o objeto que, o objeto de ciúme não será perfeita quando se der conta que o eu-lírico está vivo e bem melhor do que antes. A frase termina com o desejo que o outro sintasse rejeitado humilhado.

Percebemos, assim, possível uma troca de papéis: o auditório ocupa o lugar reservado a sentir dor, ele passou a ocupar o lugar do objeto. A dor muda de endereço, passa do eu-lírico para o objeto de ciúme. A emulação, que é uma mistura de ciúme e rivalidade, nesse caso está representada em “Ao sentir que sem você eu passo bem demais”; o desejo de vingança e a cólera se concretizam, pois, apesar de se ter sobrevivido a toda essa situação, ainda se encontra melhor do que estava antes. Isso nos remete a uma situação de vingança aparente, afinal se o eu-lírico realmente estivesse assim tão bem, o objeto não ocuparia tamanho espaço na sua vida.

“E que venho até remoçando, me pego cantando sem mais, nem porquê”: nesses versos, a paixão “cólera” está representada pelo seu contrário, que é a calma. O enciumado aparenta um equilíbrio e uma felicidade constantes. Isso representa o lado calma/cólera, que é uma contradição. Mas a ironia aparece novamente: porque ele se pega cantando? Por que se vingou? Por que o outro voltará?

Quando a letra diz: “tantas águas rolaram”, tal explosão tem um significado também duplo: “quanto tempo passou, e quanto tempo o ciumento viveu! Tudo que viveu foi muito melhor do que quando ele estava com o objeto de paixão.” Continua a letra: “Quantos homens me amaram, bem mais e melhor que você”. Novamente temos o lugar de quantidade e qualidade: é a vingança que vem de forma arrebatadora, é a cólera na sua expressão máxima. É uma intenção de humilhar e diminuir o objeto de ciúme.

“Quando talvez precisar de mim...” temos aí de novo a cólera, pois há na confiança da vingança a certeza de que o objeto irá precisar e retornar. O “talvez” transmite a possibilidade de afirmação e não de dúvida, (“com certeza vai precisar”), não é a expressão de uma idéia remota. E em “Cê sabe que a casa é sempre sua, venha sim”, a confiança reaparece e mistura os opostos: o objeto de ciúme vai precisar com certeza, entretanto mesmo tempo e só que ainda ama disponibiliza a casa o tempo todo. São os sentimentos de desejo, apego, confiança e cólera, ódio e sobretudo o amor que o vencem.

CONCLUSÃO

Uma das preocupações, ao elaborarmos a conclusão, foi trazer para a discussão prática o papel e a importância da leitura para a contribuição na formação do sujeito leitor nesse processo, discutindo aí a questão da formação e do papel da leitura como um processo e não como um produto acabado.

Ao optarmos pela leitura como processo sócio- interacional, tivemos como principal objetivo desmistificar o conceito de leitura como decodificação do texto pronto e acabado, e partimos para um caminho que traz ao aluno a possibilidade de ler, entender e apresentar alternativas de interpretação e não somente àquela esperada e almejada pelo professor. Chamamos a atenção do professor para que reveja seu conceito de leitura e amplie, do ponto de vista da construção leitora, suas estratégias e dinâmicas de leitura em sala de aula e fora dela. Ao professor cabe constituir-se como sujeito também no processo diário, a fim de que possa trazer leituras diferenciadas no decorrer do processo, pois só quem está em constante movimento consegue retirar variadas leituras de um mesmo texto.

A variedade de textos que podem ser trabalhados na escola é muito extensa, mas nos atemos no nosso trabalho ao texto que compõe a canção de MPB. Fizemos essa escolha por entender que a música é uma das expressões artísticas que melhor representa o sentimento

Será a partir de uma das paixões como a cólera, a calma, o amor, o ódio, o temor, a confiança, a vergonha, o favor, a compaixão, a indignação, a inveja, a emulação e o desprezo que o indivíduo sentir-se-á possuído pelo ciúme, esse sentimento tão capaz de movimentá-lo.

Se para Aristóteles são as paixões os sentimentos que movimentam o ser, que lhe causam mudanças e que acionam os seus contrários (como amor-ódio, cólera-calma) para nós é o ciúme que, advindo de todas essas paixões, constitui o comportamento do ser.

Destarte, aproveitamos a popularidade da canção nacional e a popularidade do ciúme e observamos algumas pistas que lançam luzes sobre a presença do ciúme na MPB. Localizamos o ciúme como um indicador muito comum dentro da canção. A partir do ciúme e do seu conceito, que é uma mistura de dor, sentimento e desejo ocorrendo simultaneamente, percebemos que a formação do ethos dentro das canções analisadas parte do manuseio da habilidade argumentativa para alcançar o auditório, tanto particular como coletivo, e utiliza da persuasão com muita destreza para atingir seu interlocutor.

A riqueza da argumentação retórica e a habilidade das suas categorias é que permitem ao ciumento gozar de artimanhas persuasivas para atingir o seu objetivo maior, que normalmente é justificar suas atitudes, consideradas insanas pela sociedade, perante a sociedade e principalmente diante do objeto de ciúmes.

BIBLIOGRAFIA

- AMOSSÍ, Ruth. *Imagens de si no discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.
- ANDRADE, Mário de. *Aspectos da música brasileira*. São Paulo: Martins, 1961.
- ARISTÓTELES. *A retórica das Paixões*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Moderna, 1984.
- CAMPBELL, Karlyn Khors. *The Rhetorical Act. Belmont*. California: Wadsworth, 1962.
- CAMPOS, Augusto de. *O balanço da bossa*. São Paulo: Perspectiva, 1968.
- CAMÕES, Luiz Vaz de. *Amor é fogo que arde sem se ver*. São Paulo: Saraiva, 1997.
- CHAUÍ, Marilena. *Tratado de filosofia*. 9. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- DESCARTES, René. *As paixões da alma*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- FERREIRA, Eduardo Santos. *O ciúme o medo da perda*. São Paulo: Ática, 1996.
- FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Marto. *Língua e Literatura*. São Paulo: Ática, 1998.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 1986.
- GREIMAS, Algidas Julien; FONTANILLE, Jacques. *A semiótica das paixões*. São Paulo: Edusp, 1988.
- KAUFMAN, Ana Maria; RODRIGUEZ, Maria Elena. *Escola, Leitura e Produção de Textos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- KLEIMAN, Ângela. *Leitura: ensino e pesquisa*. Campinas: Pontes, 2001.
- KOCH, Ingedore Villaça. *Desvendando os Segredos do Texto*. São Paulo: Cortez, 2002.
- MEYER, Michel. *Questões de retórica: linguagem, razão e sedução*. Lisboa: Edições 70, 1993.
- MONTEIRO, Rosana Benedita. *Argumentação na Mídia Escrita (O Processo de Produção de Sentidos por Meio da Retórica Argumentativa)*: São Paulo: PUC, 1992.

MOSCA, Lineide do L. Salvador. *Retóricas de ontem e de hoje*. São Paulo: Humanitas, 1997.

NIETZSCHE et al. *O amor: receitas práticas e sábias*. Trad. Renata Cordeiro. São Paulo: Landy, 2006.

PASSARELLI, Lílian Ghiuro. *Ensinando a Escrita O Processual e o Lúdico*. São Paulo: Olho D'água, 2001.

PERELMAN, Chaim; TYTECA, Lucie Olbrechts. *O tratado da argumentação*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

REBOUL, Oliver. *Introdução à retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ROSSI, Deise Miriam. *O amor na canção: uma leitura semiótico-psicanalítica*. São Paulo: Educ, 2003.

SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico*. São Paulo: Cortez, 2005.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de Leitura*. Porto Alegre: ArtMed: 1998.

SUZIGAR, Geraldo. *O que é música brasileira?*

Revista Aventuras na História: Abril (3/03/2007)

www.aventurasnahistoria.com.br

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)